

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

MARIA EDUARDA BASTOS DE BRITO

EFEITO CONTÁGIO: UMA ANÁLISE DAS COBERTURAS DO MASSACRE DE REALENGO E DO ATAQUE À CRECHE EM BLUMENAU NO JORNAL NACIONAL

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

MARIA EDUARDA BASTOS DE BRITO

**EFEITO CONTÁGIO: UMA ANÁLISE DAS COBERTURAS DO MASSACRE DE
REALENGO E DO ATAQUE À CRECHE EM BLUMENAU NO JORNAL NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Jornalismo pela Escola de
Comunicação, Artes e Design da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Doutor Fábio Canatta de Souza

Porto Alegre

2023

MARIA EDUARDA BASTOS DE BRITO

EFEITO CONTÁGIO: UMA ANÁLISE DAS COBERTURAS DO MASSACRE DE REALENGO E DO ATAQUE À CRECHE EM BLUMENAU NO JORNAL NACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 28 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Doutor Fábio Canatta de Souza (Orientador)

Prof. Doutora Cristiane Finger Costa

Prof. Doutor Deivison Moacir Cezar de Campos

A todas as crianças que tiveram os seus sonhos interrompidos.

Ana Carolina (13 anos)

Bernardo (4 anos)

Bernardo (5 anos)

Bianca (13 anos)

Enzo (4 anos)

Géssica (15 anos)

Igor (13 anos)

Karine (14 anos)

Larissa (7 anos)

Larissa (13 anos)

Laryssa (13 anos)

Luiza (14 anos)

Mariana (12 anos)

Milena (14 anos)

Rafael (14 anos)

Samira (13 anos)

AGRADECIMENTOS

Acredito que uma das mais valiosas oportunidades que a vida nos dá todos os dias é a criação de memórias e, ao longo deste ciclo que agora se encerra, acumulei uma rica coleção delas. Porém, a graça de criar essas lembranças é que elas não estão exclusivamente em minha própria bagagem, mas se entrelaçam nas vivências de cada um que contribuiu para tornar esta trajetória acadêmica ainda mais especial.

Agradeço imensamente à minha família, formada por verdadeiros pilares que tornaram possível a realização desse sonho de ser jornalista. Ao meu pai, Eduardo Brito, e à minha mãe, Carla Brito, expresso minha gratidão por me prepararem ao longo de toda a minha vida para os desafios que o mundo tem a apresentar. Obrigada por optarem pelo ensinamento com o amor dentro de casa, já que vocês sempre souberam que o mundo ensina de outra maneira. A dedicação de vocês valeu cada segundo, e farei o máximo para retribuir todo o esforço.

Individualmente, agradeço ao meu pai por tornar os momentos mais leves, por sempre mostrar que todas as coisas têm um lado bom e que temos que ser melhores apenas que nós mesmos. Além disso, agradeço por estar sempre disponível, muitas vezes colocando as minhas prioridades acima das dele. À minha mãe, que é o meu espelho diário de dedicação. Ela não apenas mostra que podemos nos levantar muito mais fortes após uma queda, mas, acima de tudo, que vamos ser amados se tratarmos a todos com gentileza. É lindo ver quantas pessoas a amam. Vocês são os melhores.

À minha irmã, Giovana Brito, sou grata por me mostrar que existe um horizonte cheio de possibilidades a ser explorado e não apenas uma única direção. Agradeço a compreensão, a paciência e até mesmo pelas louças lavadas (sei que devo algumas). Gi me mostrou que posso lidar com tantas responsabilidades simultâneas (incluindo TCC, último semestre da faculdade e trabalho) e ser feliz se amar o que faço. Ela me ensina que abraçar o mundo pode ser difícil e desafiador, mas também me inspira a acreditar na minha capacidade de superação.

Ao restante da família que me acompanhou nesta caminhada – avós, tios, dindos e primos –, agradeço por acreditarem no meu potencial e por vibrarem comigo em cada conquista.

Meu agradecimento especial ao meu namorado, Leonardo Radde, por ser a constante calma que me falta. Obrigada pelos abraços de conforto, pela motivação diária e por mostrar que eu posso alcançar até os mais distantes sonhos.

Não posso deixar de agradecer aos colegas com quem pude estudar ao longo destes quatro anos, principalmente o Lorenzo Rivero e a Luiza Rech. Com certeza eles estão nas principais lembranças da faculdade, como as fofocas e as crises de desespero com os trabalhos. Quero encontrá-los ao longo de nossa carreira, mas, principalmente, continuar os levando para a minha vida pessoal e manter essas amizades que tanto se encaixaram comigo.

Agradeço também aos amigos de longa data do colégio. Mesmo com poucos encontros ao longo do ano, sei que posso contar com o apoio deles. Às amizades construídas no Grupo RBS, que me ajudam diariamente a me tornar uma jornalista melhor e a enfrentar o mercado de maneira mais leve.

Por fim, expresso minha gratidão ao meu orientador, que desde o segundo semestre da faculdade, no então Editorial J, guiou-me pelo caminho do jornalismo humanizado. Concluo a graduação com o tema que tanto amei, graças aos ensinamentos de Fábio Canatta. Que essas lições alcancem muitos alunos, levando-os a compreender a necessidade de um jornalismo para todos. Aproveito para agradecer a todos os professores que contribuíram para essa formação. Admiro o brilho no olhar de cada um ao fazer o que amam. Lecionar é um desafio, mas é a profissão mais bonita de todas.

Claro que não poderia deixar de mencionar o meu apoio emocional em formato de música. Ao mesmo tempo que o Luan me faz espairar, ele me lembra de quem eu sou e tudo que posso conquistar. “Pois só quem sonha consegue alcançar” e hoje estou aqui.

A Deus, agradeço por escrever a minha história da melhor maneira possível e por me dar o dom para contribuir com o jornalismo.

A todos aqui mencionados: muito obrigada. Estou preparada para essa nova etapa e quero vocês ao meu lado. Que a gente possa criar outras memórias juntos!

O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista (Ijuim, 2012, p. 133).

RESUMO

O aumento dos ataques de violência extrema em escolas nos últimos anos é uma preocupação crescente na sociedade. Nos últimos 22 anos aconteceram 36 ataques. Destes, 10 foram registrados em 2022, e 11 em 2023. Ao todo, 35 pessoas morreram, vítimas desses casos brutais. A pesquisa busca analisar a apresentação dos assassinos dos ataques de violência, com o foco na cobertura jornalística do Jornal Nacional em dois eventos significativos: o massacre de Realengo, em 2011, um dos maiores ataques registrados no país, e o ataque à creche em Blumenau, ocorrido em abril de 2023, sendo o mais recente desde o início deste presente estudo. Para a elaboração da análise, a revisão teórica compreende a violência no contexto brasileiro, investigando seu passado e presente, mas especialmente no ambiente escolar, tendo como base a pesquisa "Ataques de violência extrema em escolas no Brasil" (2023), coordenada pela pesquisadora Telma Vinha. Além disso, a pesquisa explora a história e o papel da televisão e do telejornalismo na sociedade brasileira, com destaque para o reflexo sobre a perspectiva da aplicação da ética e do tratamento da violência e da humanização nos telejornais contemporâneos, trazendo estudos de autores como Vera Íris Paternostro (2006), Alfredo Vizeu (2009) e Jorge Kanehide Ijuim (2012). A análise revela uma clara diferença na abordagem do Jornal Nacional nos dois ataques escolhidos. A partir do método "Análise de imagens em movimento", de Diana Rose (2002), fica destacado além do cuidado com a propagação da imagem das vítimas, a exposição do nome do criminoso no massacre de Realengo e a decisão do telejornal em não revelar o nome do assassino da creche em Blumenau, seguindo mudanças na linha editorial para evitar a glorificação e a propagação como estímulo para que outras pessoas reproduzam crimes semelhantes, o chamado "Efeito Contágio".

Palavras-chave: Blumenau; escola; Jornal Nacional; Realengo; telejornalismo; violência.

ABSTRACT

The increase in extreme violence attacks in schools in recent years is a growing concern in society. In the past 22 years, there have been 36 attacks. Of these, 10 were recorded in 2022, and 11 in 2023. In total, 35 people have died as victims of these brutal incidents. The research aims to analyze the portrayal of attackers in violent school incidents, with a focus on the news coverage by Jornal Nacional in two significant events: the Realengo massacre in 2011, one of the largest attacks recorded in the country, and the attack on a daycare center in Blumenau in April 2023, the most recent event since the beginning of this study. For the analysis, the theoretical review encompasses violence in the Brazilian context, investigating its past and present, particularly in the school environment, based on the research "Extreme School Violence Attacks in Brazil" (2023), led by researcher Telma Vinha. Additionally, the research explores the history and role of television and television journalism in Brazilian society, emphasizing the impact on the perspective of ethics and the treatment of violence and humanization in contemporary television news, drawing on studies by authors such as Vera Íris Paternostro (2006), Alfredo Vizeu (2009), and Jorge Kanehide Ijuim (2012). The analysis reveals a clear difference in the approach of Jornal Nacional in the two selected attacks. Using the "Analysis of Moving Images" method by Diana Rose (2002), it is highlighted that, in addition to being cautious about the dissemination of the victims' images, the exposure of the perpetrator's name in the Realengo massacre and the decision of the news program not to disclose the name of the assailant in the Blumenau daycare attack reflect changes in editorial policy to avoid glorification and propagation as a stimulus for others to replicate similar crimes, the so-called "Contagion Effect."

Keywords: Blumenau; school; Jornal Nacional; Realengo; broadcast journalism; violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Mortes violentas intencionais no mundo em 2020.....	17
Quadro 2 – Mortes violentas intencionais nos estados brasileiros em 2022.....	18
Gráfico 1 – Linha do tempo de ataques de violência extrema em escolas no Brasil	24
Gráfico 2 – Crescimento na procura por “ataque a escola” no Google.....	25
Figura 1 – Cenário do Jornal Nacional.....	52
Figura 2 – Reportagem do Jornal Nacional no dia 7 de abril de 2011.....	57
Figura 3 – Fátima Bernardes em frente à escola atacada.....	65
Figura 4 – Foto do assassino apresentada no início da reportagem.....	66
Figura 5 – Imagem capturada por câmera interna da escola.....	66
Figura 6 – Assassino morto nas escadas da escola.....	67
Figura 7 – Wellington Menezes morto na escola.....	67
Figura 8 – Estudante ferida.....	71
Figura 9 – Reportagem do Jornal Nacional no dia 5 de abril de 2023.....	72
Figura 10 – Família impactada pelo ataque em Blumenau.....	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VIOLÊNCIA	15
2.1 VIOLÊNCIA NO BRASIL	16
2.2 ATAQUES DE VIOLÊNCIA EXTREMA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS.....	22
2.2.1 MASSACRE DE REALENGO	25
2.2.2 ATAQUE À CRECHE EM BLUMENAU	26
2.3 A DIFERENÇA ENTRE “MASSACRE” E “ATAQUE”	27
3 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO.....	29
3.1 O PAPEL DO TELEJORNALISMO	34
3.1.1 IMPACTO DO TELEJORNALISMO NOS DEBATES SOCIAIS	35
3.1.2 TELEJORNALISMO E VIOLÊNCIA	40
3.2 A REPORTAGEM NA TELEVISÃO	42
3.3 ÉTICA	43
3.3.1 A ÉTICA NO JORNALISMO.....	44
3.3.1.1 A ÉTICA E POLÍTICA EDITORIAL DO GRUPO GLOBO	47
4 ANÁLISE.....	50
4.1 JORNAL NACIONAL.....	50
4.2 METODOLOGIA	53
4.3 AS COBERTURAS DE REALENGO E BLUMENAU	56
4.3.1 ATIRADOR MATA CRIANÇAS EM ESCOLA NO RIO DE JANEIRO	57
4.3.2 A CRUELDADE E A COVARDIA DE UM ASSASSINO INDIGNARAM O BRASIL.....	72
4.3.2.1 EFEITO CONTÁGIO	79
4.3.3 COMPARAÇÃO DOS CASOS	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS.....	85

1 INTRODUÇÃO

A violência escolar tem se tornado uma preocupação crescente na sociedade brasileira nos últimos anos. A frequência de ataques em escolas aumentou de forma alarmante: dos 36 casos no Brasil, 21 aconteceram entre fevereiro de 2022 e outubro de 2023, representando uma proporção de 58,33%. Destes, 10 ataques foram registrados em 2022, e 11 em 2023. Ao todo, 35 foram vítimas desses casos. O cenário é motivo de apreensão não apenas para a comunidade escolar, mas também para a sociedade como um todo.

O massacre de Realengo, ocorrido em 7 de abril de 2011, foi um dos ataques a escolas mais conhecidos e fatais do país. Nesse caso, um atirador entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, e vitimou doze adolescentes. Por outro lado, um dos casos mais recentes de ataque a uma unidade de ensino ocorreu em Blumenau, Santa Catarina, na creche "Cantinho Bom Pastor", no dia 5 de abril de 2023, resultou na morte de quatro crianças entre quatro e sete anos de idade. O Jornal Nacional, reconhecido pela sua audiência expressiva no Brasil, noticiou ambos os casos. Diante do compromisso ético e moral do jornalismo com a promoção e defesa dos direitos humanos, a escolha de estudar o Jornal Nacional e as diferenças na cobertura dos dois casos supracitados justificam a realização do estudo "Efeito contágio: uma análise das coberturas do massacre de Realengo e do ataque à creche em Blumenau no Jornal Nacional".

O segundo capítulo deste trabalho de conclusão de curso tem como principal tema a "Violência". Inicialmente, o capítulo contextualiza o conceito de violência, especialmente no contexto abordado ao longo desta pesquisa, proporcionando uma compreensão mais ampla do fenômeno com o embasamento de estudiosos como Alvino Augusto de Sá (1999) e Cecília Pires (1985).

Em seguida, o foco é direcionado para a violência no Brasil, analisando o cenário atual do país e estabelecendo conexões com seu passado, identificando elementos que perduram ao longo da história, com o conhecimento de Silvio Luiz de Almeida (2019) e dados do 16º e 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022 e 2023). Posteriormente, o capítulo se concentra na violência no ambiente escolar, mais precisamente nos casos de ataques de violência extrema. Para embasar essa análise são apresentadas informações sobre o funcionamento do sistema educacional brasileiro.

A pesquisa aborda os casos de ataques de violência extrema no Brasil, utilizando como base os estudos de 2023 da pesquisadora Telma Vinha. Essa seção também contextualiza os dois casos que são objeto de estudo do presente trabalho, o massacre de Realengo e o ataque à creche de Blumenau.

O terceiro capítulo, intitulado "A televisão e o telejornalismo", explora a predominância e importância desses elementos na sociedade brasileira, fundamentando-se em dados da pesquisa da Kantar IBOPE Media (2023) e no trabalho de Wolton (1996), que introduz o conceito de laço social e a relação entre a televisão e a sociedade. Ao revisitar a história da televisão e do telejornalismo, o capítulo incorpora as contribuições de Paternostro (2006) em "O texto na TV: manual de telejornalismo". Em seguida, aborda o impacto do telejornalismo nos debates sociais, conforme discutido por Barros (2011) e Vizeu (2009), explorando o papel do jornalista, o conceito de agendamento e a relevância do cenário contemporâneo do telejornalismo.

A pesquisa também contempla a cobertura da violência pelo telejornalismo, examinando o papel da reportagem na televisão e a importância de um jornalismo humanizado a partir de Jorge Kanehide Ijuim (2012). Também, o capítulo delibera sobre questões éticas, destacando as análises de Karam (2014) e Christofolletti (2008).

O capítulo dedicado à análise aprofunda a investigação ao examinar duas reportagens do Jornal Nacional sobre o massacre de Realengo e o ataque à creche em Blumenau. Antes da análise em si, o capítulo contextualiza o telejornal específico. A abordagem metodológica adotada segue o modelo proposto por Rose (2002), denominado "Análise de imagens em movimento".

Com a base metodológica e referências aos autores previamente discutidos na pesquisa, a análise compara as duas reportagens disponíveis na plataforma *Globoplay*, destacando quatro categorias definidas para análise: "apresentação dos autores", "exposição das vítimas", "profundidade da reportagem" e "humanização". Após críticas individuais das duas reportagens, a pesquisadora procedeu a uma comparação entre elas, identificando e destacando semelhanças e diferenças nas produções jornalísticas. A correlação entre as reportagens contribui para uma compreensão mais aprofundada das práticas jornalísticas diante de tragédias, enriquecendo a análise global proposta neste trabalho.

Por fim, há o capítulo das considerações finais, em que a pesquisa evidencia o posicionamento do Jornal Nacional mediante a comparação de tragédias distanciadas por um lapso temporal de 12 anos, a reflexão ética no âmbito jornalístico, a análise da abordagem dos principais elementos contidos nas reportagens, além das reflexões provocadas pela análise.

Com base nesse contexto, o presente estudo busca analisar a cobertura do Jornal Nacional nos casos do massacre de Realengo e do ataque à creche em Blumenau. A pesquisa pretende contribuir para uma reflexão crítica sobre a divulgação de informações relacionadas à autoria de ataques violentos em escolas, visando uma abordagem jornalística mais responsável e humanizada.

2 VIOLÊNCIA

O entendimento abrangente e a análise do fenômeno da violência são essenciais para compreender as múltiplas camadas de complexidade que envolvem o termo. Odalia (1991, p. 13) indica que a vivência por si só já envolve a violência, visto que, ao longo da história, a convivência em sociedade é marcada por uma presença constante em suas diversas manifestações. A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug, 2002, p.5).

A complexidade de lidar com a violência na sociedade contemporânea suplica uma reflexão mais profunda sobre suas origens e implicações, assim como a busca por soluções e alternativas que promovam uma convivência mais pacífica e justa.

Na perspectiva da sociologia, Misse (2016, p.47) acredita que, em relação ao sentido da palavra “violência”, “a questão sempre foi como isolar do conceito os determinantes sociais da interação agressiva ou que produz efeitos opressivos”. Isso ocorre porque a sociologia surgiu como um campo de estudo que, inicialmente, se dedicou a debater os fatores sociais que desencadeiam conflitos. A abordagem inclui uma reflexão sobre a ligação entre fatores sociais e o fenômeno da violência, destacando a necessidade de uma análise crítica e contextualizada do tema na sociologia contemporânea.

A dificuldade em desenvolver uma abordagem teórica completa e abrangente sobre a violência é uma característica que define o entendimento convencional do termo:

Entendemos que “violência” é uma espécie de problema social herdado pelas Ciências Sociais e para o qual não temos ainda um quadro teórico para a sua análise que ultrapasse os discursos do próprio social, ou seja, a indignação, a exterioridade, a homogeneização e a negatividade do complexo e heterogêneo “conjunto” de fenômenos abrangidos pela noção (Rifiotis, 2016, p. 51).

A violência está em todos os lugares, apresentada através de distintas formas e intensidades. Segundo Minayo *et al.* (2011, p. 44), “não se conhece nenhuma

sociedade totalmente isenta de violência. Ela consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e coletividades”. Portanto, entender as diferentes formas de violência é crucial para revelar as complexas relações e suas implicações no tecido social.

Restringir a definição do termo limita a apreensão abrangente das diversas dimensões englobadas pelo fenômeno. Há uma ampla gama de exteriorizações que vão desde as agressões físicas até as psicológicas, em expressões que variam de formas explícitas às mais sutis. Portanto, ao reduzir a visão somente a uma das faces da violência, perde-se a oportunidade de compreender completamente seus efeitos multifacetados sobre a sociedade e os indivíduos.

Amoretti (1992 apud Sá, 1999, p. 55) reconhece dois grupos distintos de violência: explícita e mascarada. No primeiro, é possível identificar claramente tanto o agressor quanto a vítima, sendo essa forma de violência amplamente reconhecida pela sociedade e pela mídia. Já no segundo grupo, a violência é mais sutil, pois não se consegue constatar imediatamente o agressor e nem o ato violento em si: “é a miséria dos favelados, despossuídos, é a prostituição, o analfabetismo” (Sá, 1999).

2.1 VIOLÊNCIA NO BRASIL

No Brasil, a presença da violência é uma constante. Ela integra a estrutura social do país e assume proporções alarmantes, afetando a qualidade de vida dos brasileiros e apresentando desafios complexos para a governança pública.

Conforme dados do "17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública" (2023, p. 21), o Brasil contabilizou um total de 47.398 mortes violentas intencionais (MVI) em 2022 (Quadro 2). O Anuário Brasileiro de Segurança Pública é fundamentado em dados obtidos através das secretarias de segurança pública estaduais, pelas polícias civis, militares e federal, além de outras fontes oficiais relacionadas à Segurança Pública.

De acordo com o documento, a MVI “corresponde à soma das vítimas de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais em serviço e fora”. Ou seja, as mortes violentas intencionais englobam todas as vítimas de mortes com intenção deliberada em um território específico. Isso se traduz em uma taxa de 23,3 mortes a cada 100 mil habitantes no último ano. Em 2020, o número era maior: 23,8 casos por 100 mil

habitantes. No ano, o Brasil liderava em termos absolutos o ranking global de homicídios, ocupando a oitava posição entre os países mais violentos do mundo, conforme indicado pelo relatório do escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC). Em 2020, o país foi responsável por 20,4% dos 232.676 homicídios registrados em 102 nações analisadas por esse órgão.

É na comparação internacional que mais fica patente o quão distante estamos de qualquer referência civilizatória da humanidade e que, por trás da ideia de nação pacífica, vivemos uma profunda e covarde crise de indiferença e de embrutecimento das relações sociais cotidianas (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022, p. 29).

Quadro 1 – Mortes violentas intencionais no mundo em 2020

Comparação Internacional dos números e taxas de homicídios
Países Selecionados, 2020

País	No. Abs.	Taxa por 100 mil habitantes	Proporção em relação ao total dos países com dados informados
Total 102 países com dados em 2020	232.676
Jamaica	1.331	44,95	0,6
Honduras	3.598	36,33	1,5
África do Sul	19.846	33,46	8,5
México	36.579	28,37	15,7
Santa Lucia	52	28,32	0,0
Belize	102	25,65	0,0
Colômbia	11.520	22,64	5,0
Brasil (1)	47.772	22,45	20,4
Dominica	15	20,84	0,0
Guiana	157	19,86	0,1
Estados Unidos	21.570	6,52	9,3
Índia	40.651	2,95	17,5
Alemanha	782	0,93	0,3

Fonte: DataUNODC

(1) O número de casos que o UNODC utiliza é o fornecido pelo SIM/DATASUS e não corresponde ao total de Mortes Violentas Intencionais - MVI, que tem por base os registros policiais. Pelos dados policiais, em 2020, foram registrados 50.448 casos, agravando ainda mais o cenário descrito.

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022, p. 29)

No que diz respeito aos estados brasileiros, a Bahia registrou o maior número absoluto de casos em 2022, com 5.659 vítimas de violência. Por outro lado, Roraima apresentou o menor número, com 194 casos. No entanto, quando consideramos a taxa de mortalidade para cada 100 mil habitantes, o estado de Amapá lidera o ranking, com 50,6 mortes por centena de pessoas, enquanto São Paulo apresenta a menor taxa, com apenas 8,4 mortes. Contudo, a pesquisa aponta que o estado

paulista “publica somente os dados de ocorrências de lesão corporal seguida de morte. Para o dado referente ao número de vítimas de lesão corporal seguida de morte, foi considerado o dado de ocorrências deste crime”.

Quadro 2 – Mortes violentas intencionais nos estados brasileiros em 2022

Brasil e Unidades da Federação	Mortes Violentas Intencionais - MVI				
	Número Absoluto		Taxa ⁽²⁾		Variação (%)
	2021 ⁽¹⁾	2022	2021	2022	
Brasil	48.335	47.398	23,9	23,3	-2,4
Acre	194	237	23,6	28,6	21,0
Alagoas	1.138	1.186	36,4	37,9	4,2
Amapá	491	371	67,4	50,6	-25,0
Amazonas	1.672	1.531	42,8	38,8	-9,3
Bahia	7.069	6.659	50,0	47,1	-5,9
Ceará	3.419	3.123	39,0	35,5	-9,0
Distrito Federal	351	318	12,6	11,3	-10,1
Espírito Santo	1.170	1.122	30,7	29,3	-4,8
Goiás	1.863	1.780	26,7	25,2	-5,6
Maranhão	2.024	1.897	29,9	28,0	-6,5
Mato Grosso	889	1.072	24,6	29,3	18,9
Mato Grosso do Sul ⁽⁴⁾	511	515	18,7	18,7	-0,2
Minas Gerais ⁽⁴⁾	2.523	2.588	12,3	12,6	2,2
Pará	2.964	2.997	36,7	36,9	0,6
Paraíba ⁽⁴⁾	1.108	1.036	28,0	26,1	-6,9
Paraná	2.404	2.595	21,2	22,7	7,2
Pernambuco ⁽⁴⁾	3.370	3.423	37,3	37,8	1,3
Piauí ⁽⁴⁾	780	818	24,0	25,0	4,5
Rio de Janeiro	4.762	4.485	29,7	27,9	-5,8
Rio Grande do Norte	1.308	1.212	39,7	36,7	-7,7
Rio Grande do Sul	1.977	2.044	18,2	18,8	3,2
Rondônia ⁽⁴⁾	475	542	30,1	34,3	14,0
Roraima	232	194	37,4	30,5	-18,4
Santa Catarina	746	689	10,0	9,1	-9,0
São Paulo ⁽⁵⁾	3.666	3.735	8,3	8,4	1,3
Sergipe	795	768	36,2	34,8	-3,9
Tocantins	434	461	28,9	30,5	5,5

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023, p. 21)

O fenômeno da violência tem profundas raízes históricas no Brasil e está entrelaçado com fatores sociais e econômicos. A história do país é marcada por episódios de violência desde o seu princípio. As consequências da invasão e apropriação de terras indígenas, conhecida historicamente como colonização, no ano de 1500, tiveram um profundo impacto na evolução das comunidades.

Inaugura-se, nesse contexto, as diferentes estratégias de dominação, as quais, nos dias atuais, continuam a representar as forças e os interesses hegemônicos para reiterar e defender as pautas do imperialismo, do eurocentrismo e do patriarcado enquanto representação máxima de todas as formas de apropriação e violência de humanos, de não-humanos e da natureza (Andrade, 2017 apud Andrade, 2019, p. 3).

Um atual exemplo de violência contra os indígenas é o marco temporal¹. Este é uma tese jurídica, que surgiu em 2009 e que estabelece que os povos indígenas terão direito somente às terras que estavam ocupando ou que estavam envolvidas em disputas legais em 5 de outubro de 1988, data em que a Constituição Federal foi promulgada.

Ainda na história brasileira, durante mais de 300 anos, abrangendo os séculos XVI até meados do XIX, o Brasil se destacou como a região das Américas que mais importou africanos escravizados. Aproximadamente quatro milhões de homens, mulheres e crianças foram trazidos para o país nesse período, o que equivale a mais de um terço de todo o tráfico de escravos transatlântico (Reis, 2007, p. 81).

Os africanos e seus descendentes foram submetidos, principalmente, a condições desumanas de trabalho forçado, violência física e psicológica. Esse período deixou um legado profundo de desigualdade racial que resulta hoje em um racismo estrutural. O termo refere-se a um sistema de desigualdades profundamente enraizado nas estruturas políticas, econômicas e sociais de uma sociedade. Ele mantém a supremacia branca e a opressão racial como elementos intrínsecos à ordem social. Apesar de, muitas vezes, atuar de forma invisível, o racismo estrutural tem efeitos profundos e persistentes, afetando as oportunidades, o acesso a recursos e a qualidade de vida com base na raça. Almeida (2019, p. 33) complementa:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas (Almeida, 2019, p. 33).

São vários os tipos de violência possíveis de encontrar em uma sociedade. “O conceito de violência é tão amplo que dificilmente as classificações abrangem todas

¹ Disponível em: https://www.politize.com.br/marco-temporal/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAiAgeeqBhBAEiwAoDDhn52BhzDYxcqvsLRuAU-utJNTaULsyZGcAel11WRE8w6Pg8xUulxH1BoCaEoQAvD_BwE
Acesso: 23 out. 2023.

as formas. Apesar disso, a tipologia de violência pode ser útil para visualizar suas modalidades”, escreve Paviani (2016, p. 11). A Organização Mundial da Saúde (Krug, 2002, p. 6) divide a violência em três grandes categorias: violência dirigida a si mesmo, violência interpessoal e violência coletiva. A violência auto infligida é caracterizada pelo comportamento suicida e o auto abuso. Já a violência interpessoal se divide em duas categorias principais: a violência dentro da família e entre parceiros íntimos e a violência comunitária, que envolve pessoas sem laços familiares, podendo ser conhecidas ou desconhecidas. O primeiro grupo engloba formas de violência como abuso infantil, violência por parte de parceiros íntimos e abuso contra idosos. O segundo grupo inclui violência juvenil, atos de violência aleatórios, estupro ou agressão sexual por desconhecidos, além de violência em ambientes institucionais como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos. Por último, a violência coletiva é categorizada em três tipos: social, política e econômica.

Muitos fatores influenciam a perpetuação da violência na sociedade, como a desigualdade social, a pobreza, a falta de acesso à educação e oportunidades econômicas. Nas áreas urbanas, a concentração populacional e a desigualdade econômica criam condições propícias para a violência urbana, incluindo homicídios, assaltos e conflitos entre facções criminosas.

Em sua grande maioria das vezes, a complexa interação entre problemas sociais e a segurança do Estado está na governança política.

No Brasil, a solução para os problemas sociais sempre esbarrou num sistema político autoritário, de manutenção dos privilégios, que tem raízes na própria formação de nossa sociedade. Estas questões se agravaram nos últimos vinte anos, com um sistema político repressivo e um falso conceito de segurança nacional, que modificou inclusive o papel das polícias. Estas foram orientadas para garantir a ordem política em primeiro lugar, relegando a segundo plano a função de dar segurança ao cidadão (Pires, 1985, p.58).

Pires (1985) faz referência a um momento da história brasileira a partir da ditadura civil-militar, que ocorreu de 1964 a 1985, sendo um dos mais violentos períodos nacionais. Durante o regime, o país experimentou um sistema político autoritário, em que foram restringidas as liberdades civis a partir de uma repressão política. Entre as consequências estão censura à imprensa, tortura, perseguição de opositores políticos e mortes. De acordo com relatório da Comissão Nacional da Verdade (Brasil, 2014), foram confirmados 434 mortos e desaparecidos no regime militar. Entre as vítimas, 191 foram identificadas como mortas, 210 permaneceram

desaparecidas e 33 tiveram seus corpos localizados posteriormente. Esses números, no entanto, não representam o quadro completo das vítimas, mas sim os casos que puderam ser comprovados a partir da investigação.

A autora de “A Violência no Brasil” (1985) afirma que questões de autoritarismo, manutenção de privilégios e interpretações distorcidas sobre a segurança nacional já estavam presentes no Brasil desde a época da ditadura.

Atualmente, as mesmas preocupações ainda persistem e se sobressaíram no governo de 2019 a 2022, no comando do ex-presidente Jair Bolsonaro. Embora o contexto político e social tenha evoluído, consideravelmente, desde os anos da ditadura, os debates que refletem a complexa dinâmica da violência no Brasil seguem os mesmos.

Assim como na época de Pires (1985), o governo Bolsonaro também é caracterizado por ter sido político autoritário, com a centralização do poder nas mãos do então presidente. “Intitulamos ‘efeito Bolsonaro’ como uma terminologia que nominaliza a representação de um rompimento para com vários princípios basilares da democracia”, explicam Costa e Silveira (2018). “O ‘efeito Bolsonaro’, portanto, se realiza, politicamente quando, paradoxalmente, se enfraquece o discurso político para que o viés autoritário ganhe espaço”, continuam os autores.

O sistema repressivo também adotou um falso conceito de segurança nacional, com uma ênfase na flexibilização das políticas de armamento. Portanto, o paralelo entre os tempos da ditadura e o governo Bolsonaro destaca a persistência de preocupações fundamentais em relação ao autoritarismo e às abordagens da segurança nacional, visto que tais problemas sociais são, parcialmente, de responsabilidade do Estado e refletem na violência no país. Contudo, ela pode ser encontrada em uma ampla variedade de lugares e contextos de uma sociedade.

Algumas destas posições afetam diretamente o princípio de igualdade democrática. O antigo governo, além de se posicionar a favor da ditadura militar e desconsiderar sua barbárie, discursiva também com posições anti-humanistas de alusão à tortura, incentivo ao armamento da população e redirecionava seu partido a assumir a Comissão de Mortos e Desaparecidos do Ministério dos Direitos Humanos, após discurso polêmico sobre o desaparecimento do pai do então presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) (Santos e Santos, 2023, p. 20131).

A violência pode estar presente em áreas urbanas e rurais, em países desenvolvidos e em desenvolvimento. Ela pode surgir em qualquer lugar onde haja

interações humanas e disputa, seja nas ruas, locais de trabalho, prisões, lares e escolas.

2.2 ATAQUES DE VIOLÊNCIA EXTREMA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

A escola é uma instituição que oferece educação estruturada para crianças, adolescentes e adultos, com o objetivo de transmitir conhecimento, valores e habilidades. O sistema educacional brasileiro é organizado em diferentes níveis, sendo regulamentado por duas legislações principais: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996 e a Constituição Federal de 1988, como explica a organização Politize!² (2023). Essas diretrizes estabelecem os fundamentos e os deveres do sistema educacional no Brasil, garantindo o acesso à educação básica como um direito de todos os cidadãos.

A estrutura do sistema educacional é dividida em esferas governamentais, com responsabilidades específicas para cada uma delas. Ainda de acordo com a Politize! (2023), a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios têm a tarefa de planejar, financiar, manter e executar políticas de ensino de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a LDB e as diretrizes constitucionais. No nível federal, o Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) desempenham um papel importante na gestão do sistema educacional. Nos níveis estadual e do Distrito Federal, as Secretarias Estaduais de Educação (SEE), os Conselhos Estaduais de Educação (CEE) e as Delegacias Regionais de Educação (DRE) têm responsabilidades específicas. No nível municipal, as Secretarias Municipais de Educação (SME) e os Conselhos Municipais de Educação (CME) coordenam a educação.

De acordo com a organização supracitada, o sistema educacional é dividido em dois níveis principais: educação básica e educação superior. A educação básica é obrigatória e composta por várias modalidades, incluindo a educação infantil, pré-escola, ensino fundamental, ensino médio e ensino médio técnico. Além disso, existem modalidades como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação no

² Disponível em: <https://www.politize.com.br/sistema-educacional-brasileiro-divisao/>
Acesso: 9 nov. 2023.

Campo e a Educação Especial, que atendem a públicos específicos com necessidades diferenciadas.

Já a educação superior engloba a graduação, a pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado) e o ensino à distância (EaD) oferecidos por universidades. Esta modalidade é opcional, e o Estado não é obrigado a garantir que todos os cidadãos acessem o ensino superior, mas deve proporcionar o acesso público e gratuito a ele, conforme estabelecido pela Constituição.

A escola deve criar ambientes favoráveis à aprendizagem, para que desperte o interesse dos alunos pelos conteúdos curriculares, estimulando a imaginação, a experimentação, a exploração, seu envolvimento em pesquisa e produção do conhecimento de maneira criativa, em um processo contínuo de inovação, em vez de simplesmente preocupar-se com a apresentação dos conteúdos, tendo o professor ainda como o centro da transmissão do conhecimento, o que provoca um distanciamento entre o ensino e a aprendizagem, dificultando assim todo o processo (Meira, 2014 apud Reis *et al.*, 2021, p. 71).

A problemática da violência no âmbito educacional tem ascendido como uma inquietação progressiva na sociedade brasileira entre os anos de 2022 e 2023. Considerando o tema da presente pesquisa, o enfoque da violência escolar recai sobre os ataques de violência extrema nas escolas. O incremento da frequência de episódios violentos nas instituições revelou-se cada vez mais comum.

O relatório realizado pelo D^{3e} - Dados para um Debate Democrático na Educação -, sob o comando da pesquisadora Telma Vinha, mapeou os ataques de violência extrema em escolas no Brasil. Na pesquisa, foram considerados atos planejados infracionais violentos de tentativa contra a vida análogos ao crime de ódio, cometidos por estudantes e ex-estudantes, até outubro de 2023.

Levando em consideração as condições supracitadas, o primeiro caso de ataque de violência extrema a escolas com mortes no país ocorreu na cidade de Salvador, capital da Bahia. O crime, que aconteceu em outubro de 2002 na Escola Sigma, um colégio particular, levou duas adolescentes a óbito.

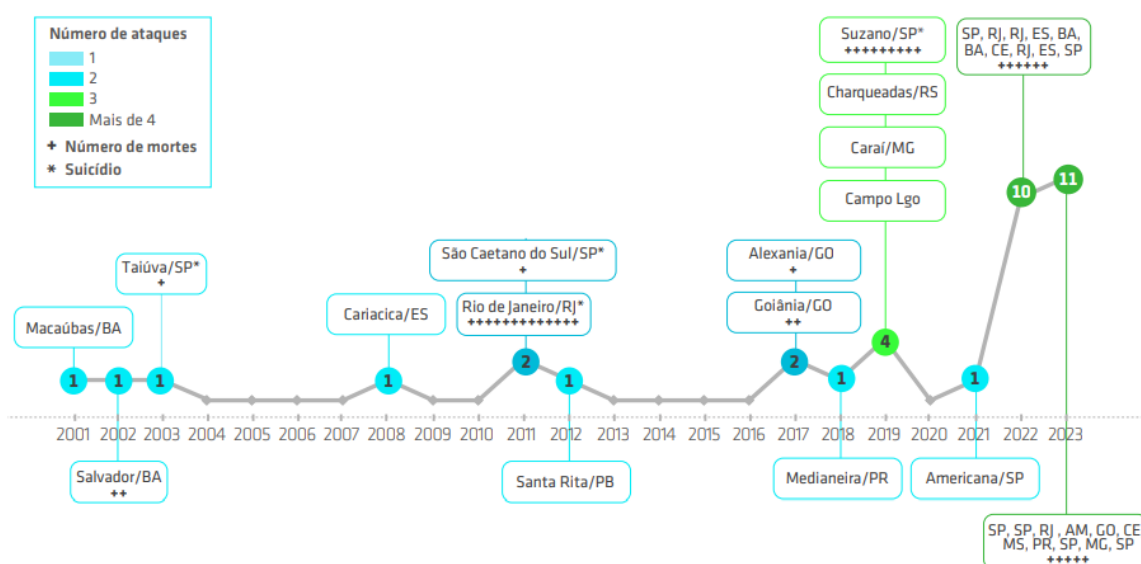
Foram identificados pelo relatório “Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos” (2023), nos últimos 22 anos, 36 ataques em 37 escolas brasileiras, visto que um mesmo atirador atacou uma escola estadual e uma

³ Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf
Acesso: 16 nov. 2023.

particular. Destas instituições, 17 são estaduais, 13 municipais – sendo uma cívico militar – e sete particulares. Ao todo, 40 pessoas morreram, sendo 29 estudantes – 17 meninas e 12 meninos –, seis profissionais das escolas e cinco criminosos (por suicídio).

Os fatores do aumento são vários e são interrelacionados. Um deles é a cultura de violência, ou seja, nos últimos anos nós tivemos um discurso social que encorajou polarização, que encorajou violência, que encorajou o ódio. Então, a resolução por meio da violência era algo possível, é como se estivesse dando autorização ou permissão para agir, isso é chamado terrorismo estocástico (Vinha, 2023)⁴.

Gráfico 1 – Linha do tempo de ataques de violência extrema em escolas no Brasil



Fonte: Vinha (2023, p. 15)

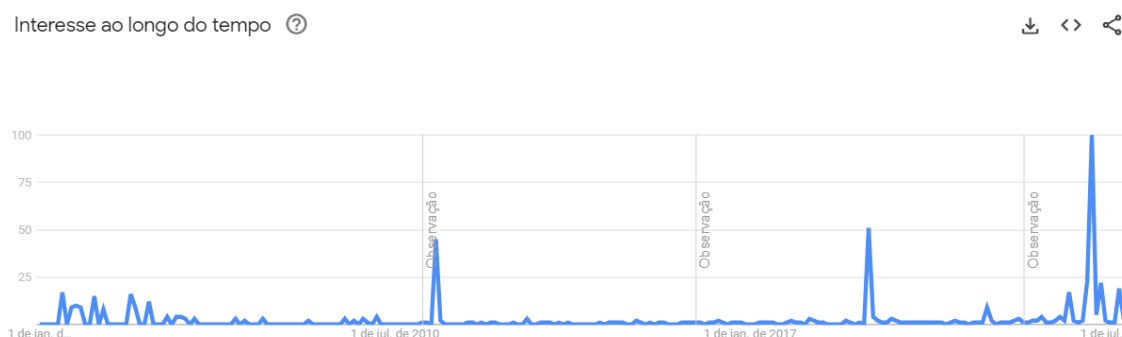
Para todos os autores dos casos citados, a escola não foi um ambiente agradável para os alunos: “a escola foi palco de sofrimento, ou seja, eles foram vítimas de bullying, excluídos, castigados, humilhados. Sem exceção, eles têm o sentimento negativo da escola” (Vinha, 2023).

O crescimento dos casos de ataque a escolas também é percebido através do interesse da sociedade no assunto. Uma investigação conduzida na plataforma

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WcVN0mSI2Nc>
Acesso: 4 set. 2023.

Google Trends⁵, utilizando a expressão de busca "ataque a escola", revela um aumento nas consultas relacionadas ao tópico ao longo do período compreendido entre 2004 e novembro de 2023. O ponto mais elevado de interesse, alcançando uma popularidade de 100%, ocorreu no mês de abril de 2023, coincidindo com o ataque à creche em Blumenau. “Os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo”, explica a plataforma⁶.

Gráfico 2 – Crescimento na procura por “ataque a escola” no Google



Fonte: Google Trends (2023)

Além da cultura da violência, fatores como o grupo social que os criminosos se inserem, a falta de discussão política no ambiente escolar, o aumento da vulnerabilidade social e a pandemia da Covid-19 contribuíram para os ataques, de acordo com estudo realizado por Vinha (2023).

2.2.1 Massacre de Realengo

A Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, foi palco do maior massacre em escolas brasileiras com mortes de menores até a escrita desta presente pesquisa. O crime, que aconteceu dia 7 de abril de 2011, resultou na morte de 12 estudantes entre 13 e 15 anos, além

⁵ Ferramenta que mostra a evolução do número de buscas por uma palavra (ou conjunto delas) ao longo de um tempo determinado.

⁶ Disponível em: <https://trends.google.com.br>
Acesso: 9 nov. 2023.

do suicídio do criminoso. Entre as vítimas fatais, 10 meninas e 2 meninos perderam a vida. Outras 12 pessoas ficaram feridas.

Ex-aluno da escola e responsável pelo ataque, Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, entrou na instituição em uma manhã de quinta-feira, invadiu duas salas de aula e disparou contra os alunos utilizando dois revólveres. Oliveira foi parado pela polícia, quando foi atingido pelo sargento Márcio Alexandre Alves por um tiro de fuzil no abdômen. Em seguida, o criminoso atirou na própria cabeça⁷. Ele já estava pronto para a morte, visto que deixou uma carta suicida consigo no corpo, abordando temas religiosos e sugeriu que o ataque foi planejado com antecedência, além de expressar remorso e pedir desculpas pelo feito⁸.

De acordo com o Censo demográfico do Brasil de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro de Realengo, localizado na Zona Oeste da capital carioca, é o quarto mais populoso da capital carioca, com 180,1 mil habitantes. Localizado na Zona Oeste, é um bairro de classe média baixa, apesar de localizado em área nobre do Rio de Janeiro, como exemplo, o bairro Barra da Tijuca, que abriga moradores de classe média, média-alta e alta.

2.2.2 Ataque à creche em Blumenau

No dia 5 de abril de 2023, um ataque tirou a vida de quatro crianças e deixou outras cinco feridas na creche Cantinho Bom Pastor, localizada no bairro Velha, na cidade de Blumenau, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. As vítimas fatais foram três meninos e uma menina, entre quatro e sete anos de idade.

O atentado foi feito por um homem, de 25 anos, com uma machadinha e um canivete⁹. Ele pulou o muro da instituição, atacou as crianças que estavam no pátio do local e deixou a creche. Segundo um dos delegados responsáveis pela investigação, Rodrigo Raitez, o criminoso permaneceu apenas 20 segundos na creche¹⁰. Logo após a ação, o homem se entregou a um batalhão da Polícia Militar¹¹.

⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>
Acesso: 20 ago. 2023.

⁸ Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/atirador-de-realengo/>
Acesso: 20 ago. 2023.

⁹ A pesquisadora optou por não citar o nome do autor, levando em consideração o tema do presente trabalho.

¹⁰ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2023/04/autor-do-atentado-a-creche-de-blumenau-e-indiciado-por-quatro-homicidios-qualificados-e-cinco-tentativas->

O autor do crime está preso e foi indiciado por quatro homicídios consumados com qualificadoras de motivo torpe, meio cruel, impossibilidade de defesa das vítimas e contra menores de 14 anos. Ele também foi indiciado por mais cinco homicídios tentados com as mesmas qualificadoras. O criminoso foi transferido da Penitenciária Industrial da cidade e foi levado para a Unidade de Segurança Máxima de São Cristóvão do Sul, no oeste do Estado. A mudança foi justificada pela Secretaria de Administração Prisional com base em "questões estratégicas de segurança" e em conformidade com as diretrizes para o controle da ocupação das unidades.

2.3 A DIFERENÇA ENTRE “MASSACRE” E “ATAQUE”

De acordo com o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, a palavra “massacre” é definida como “ato de massacrar”, “assassínio em massa; morticínio cruel”, “grande matança de animais, geralmente com crueldade” e “FIG tortura psicológica”. O massacre é um evento de violência extrema que envolve múltiplas vítimas fatais.

Para o termo “ataque”, entre as definições, o mesmo dicionário cita como “ação ou efeito de atacar; ato violento contra pessoa ou animal; agressão, investida”, “acusação que se faz a alguém ou a uma instituição, a fim de promover danos morais; injúria, ofensa” e “crítica negativa que se faz a alguém ou a algo; censura, reprovação”. Um ataque refere-se a uma ação violenta em que uma ou mais pessoas causam danos físicos ou ameaçam prejudicar terceiros.

Seguindo a lógica supracitada, em contexto escolar, o termo massacre é implicado quando um grande número de pessoas da comunidade escolar, sejam eles estudantes, professores ou funcionários, é morto de maneira premeditada e extremamente violenta. Já o ataque é considerado uma ação com a intenção de causar danos, mas sem necessariamente implicar um grande número de vítimas.

[clgl4decn002h015m38e54546.html](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/ataque-a-creche-em-blumenau-sc-completa-1-semana-veja-o-que-se-sabe.shtml)

Acesso: 21 ago. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/ataque-a-creche-em-blumenau-sc-completa-1-semana-veja-o-que-se-sabe.shtml>

Acesso em 21 ago, 2023.

Na presente pesquisa não foi identificada uma definição precisa para a distinção entre os termos "massacre" e "ataque" no contexto analisado nas escolas. No entanto, a comparação com casos anteriores sugere que o termo "massacre" é reservado para eventos de maior escala, exemplificado pelo massacre de Suzano em 2019, no Estado de São Paulo, e pelo massacre de Janaúba em 2017, em Minas Gerais, os quais resultaram em 10 e 14 mortes, respectivamente, incluindo as dos assassinos¹². Em contraste, casos de violência extrema que resultaram em até 5 mortes por incidente foram categorizados como "ataques". Portanto, a principal diferenciação entre os termos residiria no grau de violência empregado e no número de vítimas envolvidas.

¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/ataque-a-creche-em-blumenau-sc-completa-1-semana-veja-o-que-se-sabe.shtml>
Acesso: 28 ago. 2023.

3 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO

A televisão é uma presença constante nos lares brasileiros, desempenhando um papel importante na disseminação de notícias há mais de sete décadas.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022)¹³ referentes a 2021, a existência da televisão nos domicílios brasileiros permanece notável. Em áreas urbanas, no referido ano, 96,2% dos domicílios contavam com uma televisão, enquanto nas áreas rurais, esse número era de 90,8%, o que reflete uma universalização da TV em todo o país, revelando uma realidade de décadas.

O número absoluto de domicílios com televisão aumentou de 68,4 milhões em 2019 para 69,6 milhões em 2021, embora a proporção de domicílios com TV em relação ao total de domicílios teve uma ligeira queda, de 96,2% para 95,5%, segundo o Instituto. O declínio foi observado em todas as grandes regiões do Brasil, com a maior redução de percentuais ocorrendo no Nordeste, reduzindo de 94,6% para 93,4%.

A mudança na proporção de domicílios com TV pode ser reflexo de várias tendências, incluindo a crescente disponibilidade de outras formas de entretenimento e informação, como a internet e serviços de *streaming*. No ano de 2021, ainda de acordo com o IBGE, o celular ocupou a posição de destaque como o dispositivo principal para acessar a internet em residências, sendo utilizado em 99,5% dos lares conectados à rede. Em sequência, a TV emergiu como o segundo dispositivo de acesso à internet em 44,4% dos domicílios, superando, pela primeira vez, o computador, que estava presente em 42,2% dessas residências.

De acordo com pesquisa do Kantar IBOPE Media¹⁴, o cenário de consumo de mídia no Brasil, em 2022, demonstrou uma predominância notável da televisão linear, que representou cerca de 79% da quota de audiência doméstica, incluindo a

¹³ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021#:~:text=Em%202021%2C%2096%2C%25,dos%20domic%C3%ADlios%20rurais%20tinham%20TV.&text=Em%202021%2C%20havia%2063%2C3,domic%C3%ADlios%20com%20televis%C3%A3o%20do%20pa%C3%ADs>

Acesso: 20 set. 2023.

¹⁴ Disponível em: < https://26080127.fs1.hubspotusercontent-eu1.net/hubfs/26080127/KIM23_insidevideo_report_Digital.pdf >

Acesso em 11 out, 2023

TV aberta e a por assinatura. Os restantes 21% destinados a outros formatos, como as plataformas de vídeo online *YouTube*, *Netflix*, *Globoplay* e *Amazon Prime Video* conquistaram sua presença, contribuindo para 13% da audiência total quando consideradas apenas as TVs e CTVs, aquelas com acesso à internet. O *YouTube* destacou-se como a plataforma líder, com 7,3% da audiência.

A inserção de dispositivos no Brasil cresceu, consideravelmente, nos últimos anos, quase dobrando de 34% em 2018 para 59% em 2022. Apesar disso, o tempo de consumo de vídeo em TVs e CTVs permaneceu notavelmente alto, com 90% do tempo total dedicado a esses dispositivos.

A sobreposição entre a TV linear e as plataformas de vídeo online foi notória, com 19,6% do público assistindo a ambos. Além disso, o consumo de TV linear permaneceu sólido, representando 87% dos minutos consumidos, enquanto as plataformas de vídeo online responderam por 13%. Essa dinâmica reflete a pluralidade intrínseca do consumo de mídia no Brasil.

Ainda de acordo com a pesquisa do Kantar, com mais de 196,4 milhões de pessoas assistindo às estações de televisão linear em 2022, a média de tempo diário gasto em frente à TV linear pelo brasileiro foi de 5 horas e 17 minutos, o que equivale a quase 78 dias ininterruptos por ano. O Brasil se destaca como o sexto país com maior tempo médio de consumo individual de TV linear na América Latina.

Considerando que a televisão ainda é uma força dominante no cenário midiático brasileiro, ela desempenha um papel crucial na vida cotidiana e no acesso à informação para inúmeros cidadãos do país. Afinal, como Melo e Silva (2016, p. 91) citam, “a componente social que a televisão apresenta é, também, uma característica que demonstra a importância do meio para a sociedade. O fato de esta mostrar aquilo que quer contar diminui a distância a que determinado acontecimento decorre, elimina fronteiras, e faz-nos viver a situação descrita”.

O papel significativo da televisão no Brasil ganha ainda mais relevância sob o conceito de “laço social”. Para Wolton (1996), o laço social emerge como um elemento central na influência e função da televisão. Segundo o autor, a formação do laço social pode ocorrer por meio da televisão justificando que o espectador não está isolado ao assistir à programação. Enquanto isso, em diferentes lugares ou residências, há outra pessoa que assiste ao mesmo programa simultaneamente. O autor utiliza o termo “laço invisível” (1996, p. 124) para descrever esse fenômeno.

Seguindo essa lógica, a televisão desempenha o papel de um espelho da sociedade, permitindo que as pessoas se vejam refletidas por meio dela, criando uma representação coletiva que serve como um elo entre os espectadores.

Se ela [a televisão] é seu espelho, isso significa que a sociedade se vê — no sentido mais forte do pronome reflexivo — através da televisão, que esta lhe oferece uma representação de si mesma. E ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente. Ela é, além disso, um dos únicos exemplos em que essa sociedade se reflete, permitindo que cada um tenha acesso a essa representação (Wolton, 1996, p. 124).

A televisão de grande público, ou seja, a televisão de massa, é a mais adequada para desempenhar esse papel de laço social, uma vez que atinge uma ampla audiência. Ela gera uma relação contraditória entre o indivíduo e a massa e contribui para a relação entre o particular e o geral em uma sociedade complexa. De acordo com Wolton (1996), o laço social, neste contexto, abrange a conexão entre indivíduos e a união entre diversas comunidades que constituem a sociedade.

Desta maneira, a televisão, que, como apresentado, ainda alcança grandes públicos, desempenha um papel fundamental na manutenção dos laços sociais em uma sociedade individualista de massa. Ela contribui para a coesão social e a relação entre os cidadãos.

Juntamente da televisão, o telejornalismo em geral também precisou se ajustar às mudanças tecnológicas e às necessidades dos consumidores, mantendo-se, ainda, como fonte crucial de informação em um ambiente digital em constante evolução. Foi necessário acontecer uma modernização do jornal tradicional devido às profundas mudanças no comportamento e nas expectativas do público.

Apesar de o telejornal noticiar informações e eventos em tempo real e o mais rápido possível, a internet possibilitou o acesso imediato a uma ampla gama de informações instantaneamente, desafiando a exclusividade e a velocidade da televisão como a primeira fonte de notícias.

O jornalismo televisivo precisou rever as rotinas de produção para tornar seu noticiário mais ágil e atrativo para um telespectador que já poderia ter visto a notícia, em tempo real, através dos sítios noticiosos. Nesse ínterim, o acesso às fontes de informação, antes restritas a grupos ligados à comunicação, tornou-se acessível a um número maior de pessoas, o que criou para o telejornalismo o desafio de fazer um produto inédito e aprofundado com uma matéria-prima fluída e temporal que é o acontecimento (Rocha e Silva, 2010, p. 198).

Portanto, o atual desafio do telejornalismo é se destacar entre os diversos formatos disponíveis, produzindo conteúdos que valorizem a informação em diferentes meios. Rocha e Silva (2010) acreditam que o telejornalismo pode e deve usar os novos recursos a seu favor. Segundo os autores, a internet desempenha um duplo papel, atuando como uma ferramenta de apoio e, ao mesmo tempo, como uma adversária. Isso se deve ao fato de que a internet oferece facilidades na busca por novas fontes de informação, mas também pode competir pela audiência, muitas vezes introduzindo informações de credibilidade duvidosa, o que requer, portanto, um aumento da cautela na triagem das notícias.

No momento em que a audiência não está mais presa, e pode assistir à programação em movimento, em trânsito, tudo muda. E não é só a barreira do espaço, mas aquela do tempo, que também é superada. Com o streaming, cada pessoa assiste ao que quer, da forma que melhor lhe aprouver. Tudo passa a ser flexível, mutante, não se suporta mais a rigidez da “grade” de programação, ou a ordem cronológica dos blocos dos telejornais. Cada um assiste ao telejornal do seu modo particular. (Finger, Musse e Canatta, 2023, p. 33).

Nesse contexto de flexibilidade e mobilidade proporcionado pelo *streaming*, a subjetividade no telejornalismo ganha ainda mais relevância. Ela envolve uma reflexão contínua sobre o que é narrado e como é narrado, questionando os valores-notícia tradicionalmente aceitos. Segundo pesquisa de Finger, Musse e Canatta (2023, p. 38): “o formato documental, disponibilizado no *streaming*, indica um dos caminhos que o telejornalismo tem encontrado para conquistar audiências cada vez mais pulverizadas. Assistir aos conteúdos na hora em que é possível, e no local escolhido pelo espectador, é um atrativo que faz a diferença para um mercado cada vez mais competitivo”. A flexibilidade e a necessidade de atender às demandas do novo formato de audiência tornam a subjetividade uma ferramenta fundamental a ser discutida pelo jornalismo televisivo moderno.

Desde os seus primórdios, a televisão tem competido por atenção, adaptando-se aos avanços tecnológicos e às mudanças nos hábitos de consumo de mídia. Essa busca contínua por inovação e qualidade fez os conteúdos televisivos se desenvolverem e evoluírem em resposta aos desafios que a tecnologia da comunicação apresenta. Para chegar até os números alcançados hoje, a construção da televisão no Brasil precisou percorrer uma longa trajetória.

Uma figura central no início desta história de imensa relevância para a cultura e a mídia do Brasil foi o nordestino Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. O jornalista desempenhou um papel pioneiro na introdução da televisão no país e estabeleceu os Diários e Emissoras Associadas, um império midiático que englobava jornais, rádio e televisão.

Em mais uma jogada de visão, Assis Chateaubriand decidiu trazer os técnicos da RCA – America Radio Corporation – e implantar a televisão no Brasil. Importou também os equipamentos e uma antena, instalada no alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo, para retransmitir imagens que seriam geradas dos estúdios montados no prédio dos Diários Associados. (Paternostro, 2006, p. 29).

Conforme apontado por Paternostro (2006, p. 29), apesar da carência de documentação precisa, uma data é considerada o marco da inauguração da primeira emissora de televisão no Brasil: 18 de setembro de 1950. Neste dia, a PRF-3 TV Difusora, posteriormente transformada na TV Tupi de São Paulo, fez história como a pioneira emissora de televisão da América Latina.

A inauguração ocorreu em São Paulo, no Palácio do Rádio, onde os estúdios instalados acomodaram o primeiro programa de televisão no país. Este foi marcado por um espetáculo que incluiu apresentações de artistas, com a condução de Cassiano Gabus Mendes.

A história do telejornalismo brasileiro não é distante do surgimento da televisão no país. Segundo Mello (2009), um dia após a inauguração da TV no Brasil, em 19 de setembro de 1950, foi lançado o primeiro telejornal brasileiro chamado “Imagens do Dia”, que “mostrava imagens brutas (sem edição) dos acontecimentos daquele dia. Com comando de Maurício Loureiro Gama, o telejornal durava o tempo que fosse necessário para a transmissão de todos os fatos e imagens” (Mello, 2009, p. 1).

Dois anos após a transmissão do “Imagens do Dia”, surgiu um dos mais importantes telejornais da televisão brasileira: o Repórter Esso. Nesta época, os patrocinadores levavam o nome do programa, pois compravam todo o espaço do mesmo (Paternostro, 2006, p. 37). Em seguida, a Esso adotou o título transmitido pela TV São Paulo e Rio.

O “Repórter Esso” ia ao ar com informações produzidas e controladas por uma agência de publicidade, a quem competia fazer todo tipo de

observação em relação ao programa. Tido como um marco do telejornalismo brasileiro, sua experiência vitoriosa foi repetida em todas as emissoras inauguradas por Assis Chateaubriand (Mattos, 2010, p. 29).

Como escreveu Mattos (2010), o jornal continuou sendo transmitido até o final de dezembro de 1970, quando os anunciantes optaram por adquirir intervalos comerciais entre os programas em vez de financiar apenas um como todo. Foi depois do sucesso do Repórter Esso que outros telejornais começaram a ganhar forma e formar uma concorrência para o programa.

3.1 O PAPEL DO TELEJORNALISMO

O telejornalismo desempenha um papel fundamental na sociedade brasileira ao longo dos anos, ocupando um espaço central na vida dos cidadãos, no sentido de interpretar a realidade social, fornecendo uma fonte de informação acessível. Como afirma Vizeu (2009, p. 77), “a mídia não só transmite, mas prepara e apresenta uma realidade dentro das normas e das regras do campo jornalístico contribuindo dessa forma para a percepção do mundo da vida”.

O jornalismo exerce uma função crucial na sociedade como uma forma de conhecimento e uma ferramenta importante para uma conversa social e política. “O jornalismo enquanto conceito surge associado ao dever de informar, ao imediato, à tarefa de espelhar a realidade e, acima de tudo, a um valor fulcral de uma sociedade democrática: Liberdade” (Melo e Silva, 2016, p.85). A partir desta visão apresentada pelos autores, o jornalismo tem sua responsabilidade na disseminação de notícias e eventos, com uma busca pela objetividade e fidelidade aos fatos, refletindo o compromisso do jornalismo em oferecer uma representação fiel do contexto apresentado. Além disso, a vinculação da liberdade como valor de uma sociedade democrática ressalta a importância do trabalho jornalístico na preservação e promoção de princípios onde a liberdade de expressão e o acesso à informação são pilares essenciais. Essa reflexão destaca o papel vital do jornalismo não apenas como um meio de divulgação, mas como um elemento essencial para o funcionamento de uma sociedade democrática.

Como escreve Becker (2020, p. 56), “o telejornal ordena e sistematiza o real, mas, ao mesmo tempo, é um texto aberto à interpretação do telespectador e do

pesquisador”. Através da coleta, análise e apresentação de informações, o jornalismo comunica os cidadãos sobre acontecimentos relevantes na sociedade.

O jornalismo é uma atividade social, que revela dados da realidade e interliga fatos desconexos para uma maior compreensão humana. É uma profissão que lida com pessoas, interesses, honras e reputações. É um campo que dissemina afirmações, reforça preconceitos, forma opiniões e organiza (ou tenta organizar) o cotidiano das pessoas. Por isso, a responsabilidade cresce no exercício dessa profissão, já que há muita coisa em jogo (Christofoletti, 2008, p. 18).

O conceito de telejornalismo promove a reflexão sobre a qualidade da informação na televisão. Ele não se limita apenas a fornecer notícias precisas, mas também busca criar uma conexão com a vida cotidiana das pessoas, o que deve ser alcançado através da produção de conteúdos que inspiram e estimulam o pensamento crítico. Becker (2020, p. 63) afirma que “há telejornalismo de qualidade quando uma cobertura jornalística do Brasil e do mundo representa a pluralidade de interpretações e a diversidade de temas e atores sociais”.

Assim, o telejornalismo torna-se uma parte intrínseca da conversação pública cotidiana, servindo como uma referência para novos conhecimentos e percepções que enriquecem a compreensão do mundo.

3.1.1 Impacto do telejornalismo nos debates sociais

O telejornalismo não é apenas uma fonte de informações, mas também um agente influente na forma como as sociedades compreendem e debatem questões importantes. É, por muitas vezes, o ator central nas conversas sobre assuntos sociais, destacando a importância de uma análise aprofundada de seu impacto e responsabilidades na sociedade contemporânea.

O papel de referência do telejornalismo está intimamente ligado ao seu impacto na opinião pública. Com sua capacidade de alcançar um público amplo e diversificado, o telejornalismo empenha-se para impactar não apenas o que as pessoas sabem, mas também como elas interpretam e debatem questões sociais, políticas e culturais. Esse poder de comunicação é uma das razões pelas quais o telejornalismo desempenha um papel tão significativo na sociedade moderna. A capacidade de agir sob a definição de uma agenda pública é um dos principais aspectos que fazem do telejornalismo uma força influente nos debates sociais:

A função do agendamento dos veículos noticiosos é a habilidade de influenciar o destaque dos tópicos na agenda pública. Ou seja, os assuntos mais destacados pelos meios de comunicação são aqueles que serão temas das conversas cotidianas. Não obstante, os mais destacados pelos meios de comunicação serão mais destacados também pela audiência (Barros et al., 2011).

Para Vizeu (2009, p. 78), o telejornalismo trata-se de um tipo de conhecimento crítico que se concentra na tarefa de analisar e dar sentido à complexa realidade social. Como uma das formas mais influentes da mídia, o telejornal desempenha um papel crucial na condução de diálogos sociais. O jornalista, na sua função, não apenas fornece informações, mas também contextualiza, ouve diferentes perspectivas e ajuda os telespectadores a compreenderem o significado e as implicações dos acontecimentos. “Consideramos que a mídia não só transmite, mas prepara e apresenta uma realidade dentro das normas e das regras do campo jornalístico contribuindo dessa forma para a percepção do mundo da vida” (VIZEU, 2009, p. 77). Sendo assim, o telejornalismo capacita as pessoas a formarem suas opiniões e a participarem de debates sobre os desafios e as questões que enfrentam em seu ambiente social. Portanto, a sua função vai muito além da transmissão de notícias, pois desempenha um papel fundamental na promoção do entendimento da sociedade em toda a sua complexidade.

Assim, considerando o poder dos telejornais na definição dos tópicos discutidos diariamente pela população e na capacidade de moldar o cenário das conversas sociais, Barros *et al.* (2011) aborda a premissa do agendamento, também conhecido como *agenda-setting*. O conceito define que os tópicos introduzidos pelos meios de comunicação de massa influenciam as preocupações e discussões do público, a ponto de se tornarem temas frequentes em suas conversas diárias. A ideia supõe que os telejornais nacionais desempenham um papel central ao definir o que será discutido nas conversas cotidianas das pessoas, já que, frequentemente, escolhem quais histórias e tópicos merecem destaque. Esse processo exerce um profundo impacto na conscientização pública e no direcionamento das conversas sociais.

O agendamento refere-se, então, à inclusão de um determinado assunto na lista dos temas sistematicamente abordados pela mídia e à visibilidade que um determinado assunto adquire ao integrar o discurso jornalístico. Aos

assuntos que não conseguem a visibilidade pública conferida pela mídia está naturalmente reservado o obscurantismo, na medida em que não alcançaram a arena pública da discussão (ROSSY, 2006).

O telejornalismo também desempenha um papel fundamental na construção da realidade percebida pelo público. A narrativa adotada em reportagens televisivas pode influenciar na interpretação de notícias e eventos. “O jornalismo se autorreferencia como um lugar de mediação, de revelação da verdade e orientação de homens e mulheres na contemporaneidade”, afirma Vizeu (2009, p. 80).

Seguindo o pensamento do autor, o jornalismo desempenha uma função pedagógica a partir do momento em que lhe é colocada a responsabilidade de "organizar o mundo" (2009, p. 80) e torná-lo mais compreensível ao público. A informação jornalística não se limita a relatar eventos, ela deve contribuir para o entendimento e a contextualização das questões que estão em foco.

Essa abordagem pedagógica é realizada por meio de uma construção que incorpora “uma série de enquadramentos culturais, das práticas sociais, da cultura profissional, dos constrangimentos organizacionais e do campo da linguagem que os jornalistas mobilizam para produzirem notícias influências culturais” (VIZEU, 2009, p. 80). A notícia, portanto, age como uma ponte entre os diversos campos de conhecimento e o público, estabelecendo uma relação pedagógica do profissional e do resultado final com a audiência.

Para ocupar esse lugar de referência, o telejornalismo tem a responsabilidade de passar a informação de maneira acessível e compreensível, aderindo a uma abordagem simples e universal. De acordo com Paternostro (2006), o uso de um texto mais coloquial procura garantir que a mensagem seja compreendida de maneira clara e imediata pelo telespectador. A definição de texto usada nesse contexto parte da ideia de Barros (2005, p.12), em que o texto pode adquirir diversas formas de expressão, sendo capaz de envolver múltiplas linguagens. O texto pode assumir a configuração de um texto linguístico, como uma poesia, um editorial, um discurso e uma conversa, ou pode se estender para o âmbito visual e gestual, como gravuras e performances. Além disso, os textos contemporâneos exploram a interação simultânea de múltiplas linguagens, criando narrativas ricas que combinam elementos linguísticos, visuais e gestuais para transmitir significados e enriquecer a experiência do receptor. Essa diversidade de formas de expressão textual amplia as possibilidades de comunicação. O telejornalismo é um exemplo notável da

convergência entre linguagem verbal e não verbal na construção de mensagens complexas. Essa integração proporciona ao público uma experiência informativa que se vale de múltiplos recursos comunicativos para transmitir conteúdos.

A discussão em torno do texto se torna ainda mais relevante quando é considerada a diversidade de públicos que assistem a um telejornal, provenientes de diferentes regiões do país e com variadas classes econômicas e sociais. A necessidade de comunicar com um público tão heterogêneo requer uma linguagem que seja acessível a todos. Portanto, a busca por um texto de fácil entendimento desempenha um papel crucial em garantir que o telejornal cumpra sua missão informativa de maneira ampla e inclusiva. Para Paternostro (2006, p. 94), “as qualidades da linguagem coloquial passam a ser exigências do texto jornalístico de TV”.

Nesse contexto de interação com uma audiência diversificada, o telejornalismo assume o desafio de traduzir a complexidade dos acontecimentos e informações em uma narrativa acessível e envolvente, capacitando o público a interagir de maneira crítica e informada com os eventos que moldam o mundo ao seu redor. Na televisão (neste caso, com exceção do *streaming*), quem assiste tem uma única oportunidade de ouvir, processar e absorver o conteúdo. Logo, é essencial a escolha de uma abordagem que torne a transmissão de informações mais eficaz para o público, atendendo às expectativas de clareza e acessibilidade.

O jornalista deve “contar” os acontecimentos do cotidiano de uma maneira que toda a sociedade entenda, como se estivesse conversando com uma pessoa. É para ela que vai transmitir suas informações. Com essa ideia na cabeça, fica mais fácil escrever um texto que deve ser assimilado instantaneamente por milhões de telespectadores (Paternostro, 2006, p.94).

Com a evolução das tecnologias e o aumento da participação pública na discussão de assuntos de interesse, o telejornalismo enfrenta uma nova realidade, onde a audiência é cada vez mais diversificada e interconectada. A disseminação de informações e a formação da agenda pública agora ocorrem de maneira descentralizada, onde as redes sociais e a internet desempenham um papel fundamental na ampliação de tópicos e perspectivas. Assim, a ideia de agendamento a partir do telejornalismo enfrenta questionamentos de validade para o

uso atual. Presentemente, qualquer indivíduo pode contribuir para a discussão pública, ampliando o espectro de tópicos e perspectivas.

A partir dos proveitos da tecnologia, como conteúdo e informação, surgem novos caminhos e possibilidades de pontos de vista: “público e o próprio meio vão se adaptando, um é reflexo dessa sociedade em constante movimento. O outro um meio tecnológico que começa a ‘transmidar-se’, principalmente com a incorporação da internet no dia a dia da tevê” (Teixeira, 2013. p.40). Com o advento da tecnologia e a integração da internet no cotidiano da televisão, novos horizontes se abrem, oferecendo diversas perspectivas para a produção de conteúdo e compartilhamento de informações. Essa convergência não apenas reflete uma sociedade em constante evolução, mas também permite que o público participe ativamente na construção do discurso midiático.

Além disso, a velocidade da informação e o surgimento de algoritmos de recomendação personalizados têm um papel cada vez mais importante na forma como as pessoas consomem notícias, tornando o processo de agendamento mais complexo e diversificado através de programas telejornalísticos.

O contra-agendamento parte do pressuposto de que o agendamento também pode partir da sociedade para a mídia, uma perspectiva diferente da até então adotada e que privilegiava a produção de efeitos a partir de um emissor sobre uma audiência massiva (ROSSY, 2006).

Portanto, o conceito de agendamento não pode mais ser aplicado de maneira tão rígida como era na época de sua criação no final dos anos de 1960, dada a evolução do cenário midiático e da comunicação nos tempos modernos.

Seguindo o pensamento de Rossy (2006, p. 6), a ideia de contra agendamento sugere que em uma sociedade democrática e diversificada, existem grupos de pessoas com interesses em comum e vozes importantes, não apenas confinadas em grupos específicos, mas como participantes ativos que defendem direitos e causas através de argumentos.

O telejornalismo pode transcender o papel de veículo de notícias e se tornar um instrumento valioso na construção de uma sociedade mais consciente e democrática. No entanto, isso depende significativamente dos princípios e doutrinas adotados por cada veículo de comunicação, pois são esses valores que moldam a direção e a qualidade do serviço que oferecem.

3.1.2 Telejornalismo e violência

A cobertura da violência é um exemplo marcante da influência do telejornalismo na sociedade. Nesse caso, o jornal televisivo não apenas relata incidentes violentos, mas também tem a capacidade de moldar a percepção pública sobre a violência, determinando quais aspectos desses eventos são destacados e como são narrados. Isso pode afetar profundamente a maneira como as sociedades compreendem o fenômeno da violência, suas causas e possíveis soluções.

As notícias apresentam a violência como uma questão social sensacionalizada, naturalizada e descontextualizada, sendo apresentada como alvo de um espetáculo diário para entretenimento da população, além de instrumento ideológico para moldar o comportamento, segundo interesses hegemônicos (Jesus, 2020, p. 145).

Além disso, a maneira como a violência é retratada na televisão pode distorcer a realidade. Como escreve Teixeira (2009), veículos de comunicação apresentam, na maioria das vezes, a violência como uma característica associada às periferias e a pessoas negras e pobres.

Como "atores sociais" relevantes, os meios de comunicação por muitas vezes redefinem a sociedade e a forma como determinados grupos são vistos. E a realidade de violência é mostrada em muitos casos como sendo uma característica do morador da periferia, negro, pobre e sem acesso aos serviços básicos do Estado. Um cidadão entre aspas, alguém à margem dentro da cidade e do país. Uma sombra da realidade brasileira e ao mesmo tempo um retrato, uma parte importante do que é a identidade nacional, apesar de ser essa realidade negada principalmente pelas elites e até a classe média brasileira. Ambas monopolizadoras dos veículos discursivos no país (Teixeira, 2009, p. 56).

O olhar do telejornalismo sobre a violência precisa incluir uma variedade de perspectivas a fim de expor as questões subjacentes à pobreza, repressão, fome e preconceito, em vez de apenas relatar superficialmente sintomas desses problemas. Veiga (2000, p. 2) escreve que “a violência social foi situada na estrutura da sociedade brasileira, e percorridos os caminhos pelos quais é possível se dar o processo de participação política, ou de constrangimento, motivado pelo telejornalismo”.

A contextualização dos casos apresentados nos telejornais desempenha um papel crucial. Os meios de comunicação devem fornecer um contexto mais amplo e

histórico para o que é apresentado, ajudando o público a compreender as raízes dos problemas sociais em discussão. Contudo, a perspectiva não deve ser sensacionalista. Segundo Sodré (2006, p. 97), a mídia passou a adotar uma abordagem cada vez mais dramática ao relatar assuntos como “catástrofe (natural ou técnica) e da insegurança pública (violências nas ruas, terrorismo, ameaças em geral)”, priorizando o impacto emocional sobre os espectadores. Esse fenômeno reflete não apenas a busca por audiência, mas também as preocupações com a segurança e o medo de eventos catastróficos que passaram a desempenhar um papel central na narrativa midiática, muitas vezes em detrimento de debates políticos mais amplos. Tal narrativa levanta questões sobre como a mídia molda a percepção pública e influencia as prioridades sociais, destacando a importância de uma análise crítica nas abordagens jornalísticas.

No telejornalismo, a cobertura de temas que causam comoção popular, como a morte de celebridades, ou a perseguição, ao vivo, de assaltantes, transforma-se em exagero cometido em busca do público. A briga pela audiência toma o telespectador não pela consciência, mas sim pelo apelo emocional. Dessa forma, o importante a observar não é a violência do conteúdo da informação, mas a informação que se perde pela redução. (Veiga, 2000, p. 28).

Outra perspectiva que merece atenção para abordar a violência é evitar estereótipos. A mídia deve abandonar retratos simplistas e estereótipos de grupos sociais, evitando a perpetuação de preconceitos, seguindo a ideia de Ijuim (2020):

Entendo a potência do jornalismo para ter o ser humano como ponto de partida e de chegada. Se a imprensa pode ajudar a manter e a amplificar estigmas e preconceitos, pode também potencializar mudanças estruturais. Para a produção de narrativas humanizadas este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista.

De acordo com esta linha de pensamento, para o autor de “Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas”, “o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir” (Ijuim, 2012, p. 133).

A transparência editorial também desempenha um papel-chave na construção da confiança do público. As organizações de mídia devem ser transparentes sobre suas escolhas de histórias e seleção de fontes, evitando qualquer viés injusto. Ijuim (2012, p. 133) escreve sobre a escolha dos personagens que o jornalista escolhe

ouvir: “não considero humanização apenas a forma. Tratar a pessoa mais que uma fonte, mas como personagem de uma história, sim, é uma das possibilidades de humanizar o relato jornalístico”.

Outrossim, é fundamental fomentar uma cultura de autocrítica e autorreflexão dentro das organizações jornalísticas para corrigir erros e melhorar a qualidade das reportagens.

A cobertura telejornalística da violência desempenha um papel central na construção da realidade percebida e na formação de opiniões sobre questões importantes como essa, mas o veículo jornalístico precisa assumir a responsabilidade pela influência que exerce na sociedade e se esforçar para promover mensagens conscientes.

3.2 A REPORTAGEM NA TELEVISÃO

A reportagem é uma “forma de notícia” (Fechine e Lima, 2021, p. 35). Ela é amplamente reconhecida como um dos principais formatos do gênero telejornalístico, é destacada como um meio completo de apresentar informações em um telejornal. O gênero jornalístico procura fornecer uma narrativa detalhada e rica em informações sobre eventos e acontecimentos, desempenhando um papel fundamental na divulgação de notícias, através de contexto, perspectiva e profundidade aos casos apresentados.

A reportagem encontra sua essência na tarefa de desvendar as origens e o desenvolvimento dos eventos que aborda, com o intuito de servir aos interesses da sociedade. No aspecto artístico, esse gênero está intimamente associado ao processo criativo. A reportagem não se limita a informar, mas também se esforça para envolver o público por meio de uma narrativa que seja informativa e cativante ao mesmo tempo.

O objetivo fundamental da reportagem é “conseguir contar uma história simples, direta, clara, didática, objetiva equilibrada e isenta” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 68), a fim de proporcionar ao público uma compreensão completa e precisa dos eventos e questões abordadas. Uma reportagem serve como uma ponte entre os acontecimentos e o espectador, transmitindo as informações de forma que sejam acessíveis e absorvíveis.

De acordo com Fechine e Lima (2021, p. 56), a reportagem é composta por variados elementos que se unem para criar um relato noticioso abrangente, como o *off* (a narração do repórter), imagens (que complementam visualmente a história), sonoras (trechos de áudio que dão voz aos envolvidos), passagem (que conecta diferentes partes da reportagem), além de elementos de apoio. O texto da reportagem é introduzido por uma “cabeça”, que fornece um resumo do que será abordado, e, ocasionalmente, é complementado por uma nota adicional.

3.3 ÉTICA

Um dos pilares essenciais e que orienta o trabalho de jornalistas na produção de um conteúdo informativo é a ética. A responsabilidade de transmitir informações precisas e coerentes com o dever deste profissional da comunicação é de extrema importância em um mundo onde a notícia é consumida por bilhões de pessoas diariamente.

“A ética, desde as suas origens, busca estudar e fornecer princípios orientadores para o agir humano”, descreve Cenci (2001, p. 9). De acordo com o autor, a importância da equidade e da consideração de todos os envolvidos em uma ação é necessária para garantir que cada indivíduo ou parte envolvida tenha seu espaço autônomo e seja tratado de maneira racional. Assim, é possível promover a justiça e a eficácia nas interações humanas, alcançando resultados mais satisfatórios para todos os envolvidos.

“Ética” é aquela parte da filosofia que se dedica à análise dos próprios valores e das condutas humanas, indagando sobre seu sentido, sua origem, seus fundamentos e finalidades. Sob essa perspectiva geral, a ética procura definir, antes de mais nada, a figura do agente ético e de suas ações e o conjunto de noções (ou valores) que balizam o campo de uma ação que se considere ética (Chauí, 1999)¹⁵.

A ética se concentra na análise dos valores e comportamentos humanos, questionando sua essência, origem, bases e objetivos, com o propósito de definir a figura do agente ético, suas ações e o conjunto de princípios que norteiam ações consideradas éticas. Não distante, “Aristóteles define a ética como a filosofia das coisas humanas” (Cenci, 2001, p. 43). A definição se alinha com a compreensão

¹⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs14039904.htm>
Acesso: 3 out. 2023

mais ampla da ética como a parte da filosofia dedicada à análise dos próprios valores e condutas humanas, buscando entender seu significado e fundamentos. Sob essa perspectiva, a ética busca não apenas compreender a natureza do agente ético e suas ações, mas também identificar o conjunto de princípios e valores que orientam as ações, promovendo assim uma reflexão profunda sobre a moralidade e a conduta humana.

Cabe à ética sinalizar o agir com princípios, indicar possibilidades. A ética, portanto, ocupa-se com a forma do agir, com a tematização e fornecimento de princípios para esse. Ela, no entanto, não pode prescrever o caminho a percorrer, escolha que cabe ao indivíduo a partir de seu livre arbítrio e autonomia (Cenci, 2001, p. 45).

Dentre os diversos caminhos e posicionamentos que a ética pode se encaixar, dependendo do contexto, está a deontologia. De maneira superficial, “a deontologia é uma disciplina da ética especialmente adaptada ao exercício de uma profissão” (Carapeto e Fonseca, 2012, p. 11). Segundo os autores, a deontologia tem como propósito orientar as condutas dos profissionais de uma determinada área, visando alcançar padrões de excelência no desempenho de suas funções. Isso, por sua vez, busca o reconhecimento entre os colegas de profissão, assegurar a confiança do público e resguardar a reputação da profissão como um todo.

Segundo Karam (2014, p. 28), os princípios deontológicos, quando compreendidos como guias para a ação ética, representam um movimento de desalienação e uma redefinição tanto do comportamento moral quanto dos fundamentos éticos.

Estes só têm sentido, em nossa avaliação, se forem entendidos como desalienação diante, por exemplo, de uma profissão, e como movimento de transformação do indivíduo em sujeito que, inscrito no mundo, reflete filosoficamente sobre si mesmo, sobre seu trabalho, suas relações sociais e age politicamente. Assim, não é possível partir do nada, isto é, sem alguns pressupostos valorativos e algum paradigma, mesmo que este reflita interdisciplinaridade (Karam, 2014, p. 28).

3.3.1 A ética no jornalismo

A ética no telejornalismo desempenha um papel crítico na construção da confiança do espectador e na preservação da integridade do jornalismo como um

pilar da sociedade democrática. Logo no Art. 1º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Fenaj)¹⁶, é citado que o documento “tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação”.

Na visão de Christofolletti (2008), a ética e a técnica encontram-se entrelaçadas em um mesmo espaço, inseparáveis na prática profissional. Nessa perspectiva, ser jornalista não se resume apenas ao domínio das competências técnicas da profissão, mas implica também internalizar princípios éticos em todas as facetas da atuação.

No jornalismo, a ética é mais que rótulo, que acessório. No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção de trabalho. Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus compromentimentos e valores. Podem tentar suspender suas opiniões em certos momentos, mas, se por acaso esquecerem suas funções e suas relações com o público, vão colocar tudo a perder (Christofolletti, 2008, p. 11).

Os jornalistas têm a responsabilidade de divulgar informações de interesse público e de se manterem fiéis aos princípios éticos da profissão, como evitar a disseminação de desinformação ou notícias falsas que podem prejudicar a sociedade e minar a confiança do público. Eles desempenham um papel importante ao contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e informada. Os deveres dos jornalistas destacam a importância da responsabilidade e integridade no exercício da profissão. Seguindo o Código de Ética, os profissionais devem ouvir todas as partes envolvidas, especialmente quando há acusações não verificadas. Além disso, devem buscar provas que sustentem informações de interesse público, com a responsabilidade de preservar a integridade das imagens captadas, evitando distorções da realidade e informando sobre qualquer manipulação.

Os jornalistas procuram promover a correção de informações falsas ou inexatas e defender o direito de resposta de indivíduos ou organizações mencionados em suas matérias. Os profissionais da comunicação também têm um papel na defesa da soberania nacional, na preservação da língua e cultura do Brasil,

¹⁶ Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>

Acesso em 27 set, 2023

no respeito à diversidade e na promoção de relações de solidariedade no ambiente de trabalho, refletindo o compromisso do jornalismo com a verdade, a ética e o bem-estar da sociedade.

De acordo com Karam (2014, p. 48), a relevância de uma ética jornalística que transcenda interesses individuais ou institucionais, visa contribuir para uma compreensão mais completa e esclarecedora dos eventos que moldam o cenário contemporâneo.

É, portanto, legítimo defender que os pressupostos morais e éticos em que se desdobra a atividade profissional não podem estar submetidos à lógica do Estado, do interesse privado ou a critérios pessoais. Daí também que, com a carga enorme de acontecimentos diários relevantes para a humanidade, a multiplicidade de meios de comunicação, sua diversidade de proprietários e de controle, a segmentação do mercado e dos conteúdos e a variedade de abordagens dos fatos (incluindo a linguagem) constituem bases reais para a formulação e defesa de uma ética jornalística que exija uma práxis política consciente do profissional e um compromisso com os desdobramentos gerais do cotidiano. (Karam, 2014, p.48).

Segundo Di Franco (1995, p. 33), “a ética jornalística não é um dique, mas um canal de irrigação”. O escritor enfatiza que esse pilar no jornalismo não deve ser visto como uma restrição ou um obstáculo ao trabalho, mas sim como um guia que direciona e aprimora a qualidade do jornalismo. A busca pela verdade, o respeito à dignidade humana, a resistência ao sensacionalismo e a defesa dos valores éticos, quando aplicados corretamente, impulsionam mudanças positivas. A ética é um canal que nutre a qualidade, a credibilidade e a responsabilidade do jornalismo, beneficiando tanto os profissionais quanto o público.

Para Kamel (2019), ser ético é atender aos requisitos do bom jornalismo:

É buscar entre todos os acontecimentos aqueles que de fato tenham relevância, é relatá-los, com correção, isenção e agilidade, é analisá-los a partir de uma pluralidade de pontos de vista e, quando houver falhas, é ser transparente na maneira de se corrigir (Kamel, 2019, p.34).

O jornalismo reside na capacidade de equilibrar os princípios éticos da profissão, colocando os direitos humanos como prioridade, com o compromisso de servir ao interesse público e à democracia. Neste contexto, o humanismo busca tornar aspectos acessíveis ao exame crítico, como a capacidade humana para a liberdade e a compreensão, além de corrigir interpretações equivocadas sobre o passado e o presente coletivo.

Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as dores do mundo (Dines), de empatia, de solidariedade às dores universais (Medina). Assim, seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador (Ijuim, 2012, p. 133-134).

3.3.1.1 A ética e política editorial do Grupo Globo

O Grupo Globo adota a definição de jornalismo como “uma atividade cujo propósito central é produzir um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas” (G1, 2011)¹⁷, de acordo com os princípios editoriais da empresa. O documento é dividido em três seções: “os atributos da informação de qualidade” (I), “como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas, do veículo para o qual trabalha e das redes sociais” (II) e “os valores cuja defesa é um imperativo do jornalismo” (III). Nos próximos parágrafos foram separadas as principais informações que colaboram para a formação ética e política adotada pelo grupo, focando nos tópicos que contribuem mais significativamente para a presente pesquisa.

Em relação ao comportamento do jornalista com o que o cerca, abordado pela seção II, destacam-se pontos como a importância de manter boas fontes sem transformar a relação em amizade, a necessidade de transparência e respeito na interação com as fontes, e a responsabilidade social do jornalismo: “deve-se sempre respeitar compromisso assumido com as fontes, principalmente aqueles relativos à preservação da identidade delas” (G1, 2011).

Em relação ao público, destaca-se o tratamento com respeito, a adaptação da linguagem ao público-alvo e a recusa ao sensacionalismo.

A sensibilidade do público será levada em conta. Cenas chocantes receberão o tratamento devido de acordo com as características do público-alvo. Quanto mais indistinto o público, mais cuidados são necessários. Nesses casos, o público deve ter sempre a confiança de que não será surpreendido por cenas que afrontem os valores médios presumidos da sociedade. A título de exemplo, talvez seja necessário mostrar o vídeo ou a foto de um homem-bomba explodindo, mas a cena pode ser congelada segundos antes do dilaceramento. Em resumo, a decisão de publicar ou

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#definicao-do-jornalismo>
Acesso: 2 nov. 2023.

não cenas potencialmente chocantes e de como tratá-las deve sempre levar em conta a sua relevância para o entendimento da questão abordada. A melhor saída é submeter a decisão à opinião do maior número de jornalistas de uma redação. De um grupo, sempre emerge mais facilmente o bom senso (G1, 2011).

Já diante dos colegas, enfatiza-se a colaboração e revisão mútua. Em relação ao veículo, ressalta-se a independência das redações, a divulgação de opinião comum nos editoriais e o dever de lealdade entre jornalistas e veículos.

O Grupo Globo enfatiza sua independência, imparcialidade e laicidade no exercício do jornalismo, buscando isenção, correção e agilidade. A empresa não se posiciona a favor nem contra governos, igrejas, clubes, grupos econômicos ou partidos, mas defende firmemente valores para o pleno desenvolvimento da sociedade, definidos pelo Grupo como “a democracia, as liberdades individuais, a livre iniciativa, os direitos humanos, a república, o avanço da ciência e a preservação da natureza” (G1, 2011). Tais valores são essenciais para a prática do jornalismo proposto no documento.

Em um registro mais recente, o Grupo Globo apresenta um Código Ética e Conduta (2021)¹⁸ para estabelecer diretrizes e normas que orientam o comportamento dos integrantes da instituição, sejam eles empregados de todos os níveis hierárquicos, parceiros de negócios, prestadores de serviços, fornecedores, consultores e outros. O objetivo do código criado em 2015 é estabelecer os princípios e valores que devem ser seguidos para promover uma cultura de integridade e ética dentro da empresa.

Nosso Código deixa claro que o Grupo Globo e cada um de seus Integrantes têm a responsabilidade de se portar de forma ética e íntegra em todas as suas relações, bem como o compromisso de reforçar e difundir continuamente essa cultura e esse modo de agir. Precisamos também exigir a atuação ética de nossos parceiros de negócios, que devem aderir às nossas regras ou adotar políticas próprias em linha com as nossas (Marinho, 2021, p. 3).

O código não faz nenhuma referência direta ao jornalismo, mas é possível aplicar a sua conduta no papel de um profissional atuante na área. Como exemplo, o manual ressalta a importância de cumprir as leis brasileiras e estrangeiras, o que é

¹⁸ Disponível em: <https://grupoglobo.globo.com/arquivos/code-of-ethics-and-conduct-pt-BR.pdf>
Acesso: 12 out. 2023.

fundamental no jornalismo para garantir a precisão e a legalidade das informações veiculadas. Além disso, a ênfase na rejeição total da corrupção, princípio essencial no jornalismo ético, garantindo que as notícias sejam imparciais e que o impacto das informações seja avaliado, uma vez que a integridade é fundamental na busca pela verdade e na construção da confiança do público. O código ainda aborda questões de conflito de interesses, que são cruciais para jornalistas garantirem a transparência e a ética na cobertura de notícias. Também, o compromisso com a sustentabilidade ambiental e o apoio aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 do Pacto Global da ONU podem influenciar a cobertura de questões ambientais e sociais pelo jornalismo do Grupo Globo.

4 ANÁLISE

Como visto durante esta pesquisa, a reportagem telejornalística e o telejornalismo, de maneira geral, desempenham um papel fundamental na construção da narrativa pública em torno de eventos de grande impacto social. Em situações de tragédias como o massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo (2011), e o ataque à creche em Blumenau (2023), onde vidas inocentes foram perdidas, a responsabilidade da mídia é ainda mais evidente. Esses eventos, contextualizados no segundo capítulo deste trabalho, abalaram a nação, além de gerarem questionamentos para entender os fatores por trás dos atos brutais e suas repercussões.

O presente capítulo se aprofunda na análise das coberturas do Jornal Nacional, o principal telejornal do país, nos crimes de Realengo (2011) e Blumenau (2023), focando especialmente na representação dos autores dos casos. A autora da presente pesquisa esclarece o motivo de escolha do telejornal e detalha as estratégias metodológicas, oferecendo detalhes das respectivas reportagens. Desta maneira, busca compreender como os jornalistas retrataram e narraram as histórias e perfis dos perpetradores, bem como examinar a forma que os eventos foram entregues e expostos ao público. Também observa como as escolhas editoriais, a seleção de palavras e imagens, e o tom da reportagem influenciaram a percepção e compreensão dos telespectadores em relação aos autores dos atos.

4.1 JORNAL NACIONAL

É possível afirmar que o Jornal Nacional é um dos programas telejornalísticos mais emblemáticos e influentes da história da televisão brasileira. Completando 54 anos no ar em 2023, com sua estreia em primeiro de setembro de 1969, se consolidou como um dos programas de maior audiência no Brasil. Produzido pela Rede Globo, é o programa mais antigo em exibição na emissora até a escrita da presente pesquisa (Memória Globo, 2019, p. 451).

O telejornal foi “o primeiro programa em rede nacional da TV brasileira, gerado do Rio para as emissoras da rede, ao vivo” (Damin, 2001, p. 23). Em 2023, é apresentado em um mezanino da redação de jornalismo da Globo Rio, sob o comando dos comunicadores Renata Vasconcellos e William Bonner.

O Jornal Nacional é exibido de segunda-feira a sábado no horário nobre da televisão brasileira, entre 20h e 21h, e tem como objetivo transmitir aos telespectadores uma síntese das principais notícias do Brasil e do mundo. Com uma média diária atual de 12 milhões de espectadores por dia¹⁹, ele conecta todas essas pessoas ao mesmo tema em que está sendo transmitido, lembrando o conceito de “laço social” de Wolton (1996) visto no terceiro capítulo. Além disso, o jornal abrange uma variedade de tópicos, incluindo política, economia, cultura, esportes e entretenimento. Do mesmo modo, apresenta análises aprofundadas e reportagens especiais sobre questões de relevância nacional e internacional.

Por ser jornalístico, apresenta temas comuns aos jornais impressos, aos programas jornalísticos de rádio, aos sites da internet voltados para notícias e, em parte, às revistas semanais de informação. Por ser um programa de televisão, procura apresentar esses temas com a linguagem apropriada ao veículo: com um texto claro, para ser compreendido ao ser ouvido uma única vez, ilustrado por imagens que despertem o interesse do público por eles – mesmo que não sejam temas de apelo popular imediato (Bonner, 2009, p. 13).

Neste meio século do programa, o Jornal Nacional passou por algumas mudanças: “modernizou o cenário, inovou as vinhetas, mudou de apresentadores, polêmicas e crises de credibilidade aconteceram, mas ele permanece o modelo de referência para o telejornalismo nacional” (Gomes, 2012, p. 40). Sobre o cenário, o telejornal tem incorporado elementos de tecnologia avançada e interatividade para se manter relevante em um panorama midiático em constante mudança. A bancada, posicionada no centro da redação, tem como cenário de fundo um telão de LED retrátil, que desce do teto durante a apresentação. Ao todo, três camadas de imagens gráficas compõem o jornal: o telão, o cilindro de vidro e a realidade aumentada. Arrabal (2019, p. 360) relata que “todo esse trabalho, que recebeu o prêmio de melhor Uso da Tecnologia no *New York Festivals Awards*, em 2018, foi feito pensando nas pessoas que assistem ao JN todos os dias”.

¹⁹ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/entenda-como-e-medida-a-audiencia-das-tvs-de-noticias/#:~:text=O%20Poder360%20fez%20c%C3%A1culos%20baseados,203%2C1%20milh%C3%B5es%20de%20habitantes>

Acesso: 12 nov. 2023.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/audiencia-do-jornal-nacional-cai-pela-metade-em-20-anos/amp>

Acesso: 12 nov. 2023.

Figura 1 – Cenário do Jornal Nacional



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Já as mudanças políticas proporcionaram um jornal mais conectado com a realidade brasileira e, conseqüentemente, a maneira de se relacionar com o telespectador. O Jornal Nacional é muito mais do que apenas um programa de notícias, é uma instituição que desempenha um papel central na informação e na cultura brasileira. Sua longa história, impacto na sociedade e compromisso com o jornalismo de qualidade o tornam uma referência inquestionável no cenário televisivo do Brasil.

O Jornal Nacional busca se apresentar como uma entidade cuja credibilidade parece não ser abalada pelos demais poderes e instituições, e cresce na valorização de sua própria mediação. O JN atribui a si mesmo o papel de um ator social indispensável destinado a defender os direitos humanos e as práticas democráticas em busca de uma relação de cumplicidade cada vez maior com as audiências (Becker, 2020, p. 222).

O Jornal Nacional exerce um impacto considerável na opinião pública do país por ser um dos programas de notícias mais assistidos no Brasil. A sua posição privilegiada no horário nobre da televisão permite que ele alcance uma audiência significativa, o que por si só já o torna a primeira fonte de informação para muitos brasileiros. Isso significa que os tópicos e questões que o Jornal Nacional escolhe destacar, frequentemente se tornam temas de discussão na sociedade.

4.2 METODOLOGIA

Este estudo desenvolve-se a partir de uma revisão bibliográfica e documental que objetiva aprofundar sobre a veiculação dos casos de Realengo (2011) e Blumenau (2023). A pesquisa empírica parte do método “Análise de imagens em movimento”, de Diana Rose (2002), é utilizado para análise de materiais audiovisuais, com foco na televisão, através do uso de imagens em movimento.

Com base na metodologia descrita por Rose (2002), é considerado que meios audiovisuais envolvem uma complexa mistura de imagens, sons, técnicas de filmagem, edição etc. Portanto, ao analisar o conteúdo e a estrutura de materiais audiovisuais, é essencial levar em conta essa complexidade.

A análise da mídia vai além do discurso textual. Como cada processo de tradução do conteúdo que está sendo observado implica em simplificação, a questão não é alcançar uma representação fiel, mas sim tornar explícitas as técnicas empregadas na seleção, transcrição e análise de dados.

Cada passo do processo envolve o que Rose (2002) chama de “transladar”, ou seja, interpretar e traduzir o que não está sendo explicitamente colocado no material em análise, o que implica em tomadas de decisões do pesquisador que está seguindo a metodologia.

Existirão sempre alternativas viáveis as escolhas concretas feitas, e o que é deixado fora é tão importante quanto o que está presente. A escolha, dentro de um campo múltiplo, e especialmente importante quando se analisa um meio complexo onde a translação irá, normalmente, tomar a forma de simplificação (Rose, 2002, p. 343).

É importante destacar que não há uma única verdade na captura do texto, e cada orientação teórica levará a diferentes escolhas sobre o processo de transcrição.

Por exemplo, ao transcrever material televisivo, devemos tomar decisões sobre como descrever os visuais, se vamos incluir pausas e hesitações na fala, e como descrever os efeitos especiais, tais como música e mudança na iluminação. Diferentes orientações teóricas levarão a diferentes escolhas sobre como selecionar para transcrição (Rose, 2002, p. 344).

A primeira etapa essencial para seguir o método apresentado envolve a seleção de programas para gravação direta, uma decisão que é altamente

influenciada pelo tópico da pesquisa e orientação teórica. “Um procedimento comum na seleção de programas é fazer uma ampla varredura do que é apresentado no tempo nobre, e tomar então um tópico de interesse apresentado” (Rose, 2002, p. 346).

O próximo passo indicado por Rose (2002), composto pela transcrição, objetiva gerar um conjunto de dados passível de análise minuciosa e codificação. Ela traduz e simplifica a complexidade das imagens na tela, um procedimento que se mostra necessário para tornar compreensível o material audiovisual.

A transcrição segue a lógica de duas colunas distintas, sendo a da esquerda concentrada em elementos visuais das obras analisadas e a coluna da direita reservada para uma transcrição literal do conteúdo verbal com elementos relevantes.

A transcrição, portanto, desempenha um papel essencial na tradução do material audiovisual em uma forma que seja passível de análise e codificação, resultando em escolhas fundamentadas teoricamente e empiricamente, a fim de tornar claros os motivos por trás das decisões tomadas. “A questão é, então, ser explícito sobre os fundamentos teóricos, éticos e práticos da técnica e abrir um espaço onde o próprio trabalho possa ser debatido e julgado” (Rose, 2002, p. 362).

Em resumo, Rose (2002) elaborou um protocolo de textos audiovisuais que envolve uma série de etapas estruturadas. Primeiro, é essencial escolher um referencial teórico que seja aplicável ao objeto empírico em questão, no caso deste presente trabalho os capítulos 2 e 3. Em seguida, deve-se selecionar um referencial de amostragem, considerando critérios como tempo ou conteúdo. A identificação do objeto empírico – neste caso, as duas reportagens em questão sobre os eventos já explicados – no referencial de amostragem é crucial, o que leva à necessidade de construir regras para a transcrição de todas as informações, tanto visuais quanto verbais. Além disso, é importante desenvolver um referencial de codificação abrangente, baseado na teoria e na leitura preliminar do conjunto de dados. Esse referencial deve incluir regras para analisar o material visual e verbal, permitindo a possibilidade de examinar a estrutura narrativa e o contexto, além das categorias semânticas. Após a criação desse referencial, ele deve ser aplicado aos dados transcritos. Por fim, Rose (2002) considera fundamental selecionar citações, contribuindo para uma compreensão mais profunda do material audiovisual.

O presente trabalho segue uma abordagem qualitativa e comparativa a partir da condução dos procedimentos supracitados. O objeto da pesquisa é composto pelas coberturas do massacre de Realengo (2011) e do ataque à creche em Blumenau (2023) no Jornal Nacional da Rede Globo (JN). O foco principal recai sobre a forma como a autoria dos crimes é abordada.

Como o ataque em escolas cresceu exponencialmente nos últimos anos, demonstrado no segundo capítulo desta pesquisa, a autora optou por escolher o maior caso já registrado no Brasil até então e o acontecimento mais recente desde o começo da escrita deste presente trabalho para elaborar uma comparação, permitindo a identificação dos conteúdos relacionados aos tópicos de interesse deste estudo, que posteriormente foram submetidos a uma análise mais detalhada. O material coletado — as reportagens dos dias em que as tragédias aconteceram — se limitará ao conteúdo disponível nos arquivos públicos do Jornal Nacional na plataforma *Globoplay*.

No decorrer deste trabalho, serão exploradas e analisadas quatro categorias fundamentais, a fim de entender a representação da autoria nos casos de Realengo (2011) e Blumenau (2023) através da cobertura do Jornal Nacional:

- Apresentação dos autores: visa investigar a maneira como os autores dos crimes são retratados nas reportagens. Assim, será possível analisar se existe uma diferenciação notável na abordagem da autoria entre os dois casos. A ênfase será a identificação dos responsáveis pelo ato, investigando se as reportagens atribuem a autoria de maneira direta e destacada, ou se, pelo contrário, há uma tendência a dissolver a autoria. Isso revelará as estratégias midiáticas utilizadas para narrar esses eventos;
- Exposição das vítimas: investiga as escolhas editoriais relativas à apresentação visual e à divulgação de informações, considerando o equilíbrio entre o dever de informar e a proteção da dignidade e privacidade das vítimas. A categoria reflete sobre o aprimoramento ético da cobertura mediática em situações de extrema sensibilidade;
- Profundidade da reportagem: implica determinar se as reportagens se limitam a fornecer informações factuais e eventos superficiais ou se vão além, realizando uma análise mais profunda que visa compreender os contextos e

motivações subjacentes aos incidentes. Essa categoria fornecerá *insights* sobre o tratamento jornalístico da profundidade na cobertura de eventos trágicos;

– Humanização: concentra-se na representação humanizada da cobertura. Nessa análise, será examinado se as reportagens fazem esforços para relatar as histórias humanas por trás das tragédias, permitindo entender se as reportagens priorizam a dimensão humana e emocional dos eventos ou se mantêm uma abordagem mais distante e objetiva.

O desfecho desse processo de estudo, aliado às conclusões extraídas a partir das análises individuais de cada reportagem, é apresentado em formato de texto interpretativo. Além disso, é viável examinar a transcrição dos textos resultantes, organizando os detalhes por reportagem, permitindo uma exploração mais minuciosa das peculiaridades de cada narrativa e uma observação aprofundada das características distintas presentes nas coberturas jornalísticas.

4.3 AS COBERTURAS DE REALENGO E BLUMENAU

O presente subcapítulo e os seus devidos tópicos são destinados para a análise individual da cobertura do massacre de Realengo e do ataque à creche em Blumenau no dia dos acontecimentos, através do Jornal Nacional. Embora ambos os casos tenham sido devastadores, a forma como foram retratados e explorados pela mídia e, neste caso, pelo Jornal Nacional, podem apresentar nuances distintas, visto a mudança de décadas e o número crescente de casos. Esta comparação examina a cobertura jornalística dos dois respectivos eventos, a fim de compreender como o telejornal narra os criminosos que geraram as tragédias.

Este estudo restringe-se aos eventos ocorridos nos dias em questão, devido à limitação imposta pela plataforma Globoplay, que não oferece acesso à totalidade do telejornal veiculado em 7 de abril de 2011, fornecendo somente um segmento da cobertura da referida edição. Como resultado, não se dispõe de informações para determinar a existência de outras reportagens ou inserções ao vivo de repórteres ao longo do noticiário no mesmo dia.

4.3.1 Atirador mata crianças em escola no Rio de Janeiro²⁰

A cobertura do massacre de Realengo pelo Jornal Nacional aconteceu no mesmo dia do ataque, em 7 de abril de 2011.

Figura 2 – Reportagem do Jornal Nacional no dia 7 de abril de 2011

<p>Apresentador lê a cabeça da reportagem no estúdio com o cenário tradicional do JN ao fundo.///</p>	<p>O Jornal Nacional desta quinta-feira, 7 de abril, vai ser apresentado do bairro do Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro. Fátima Bernardes fala ao vivo do local da tragédia que provocou choque no Brasil e no mundo. Fátima.</p>
<p>Fátima Bernardes entra ao vivo direto do local do massacre, no terraço de uma casa em frente à escola atacada em Realengo.///</p>	<p>Olá, William. Eu estou no terraço de uma das duas únicas casas dessa rua pequena aqui de Realengo, bem de frente para a escola Tasso da Silveira, onde há cerca de 12 horas aconteceu esse massacre. A dona dessa casa mora aqui há 40 anos, ela tinha acabado de sair do prédio da escola onde a filha dela estuda e ela trabalha como voluntária, na sala de leitura, quando começaram os tiros.</p>
<p>Imagens ao vivo de pessoas e imprensa na fachada da escola em que ocorreu o massacre de Realengo. Câmera volta para a repórter chamar a reportagem.///</p>	<p>Durante todo dia essa rua como a gente pode ver aí, foi cenário de imagens de horror. Nesse momento a área continua isolada, os moradores aqui da região não podem se aproximar. Na escola, ainda estão policiais civis, militares, a guarda municipal e funcionários. As salas</p>

²⁰ Título do vídeo disponível na página do Jornal Nacional na plataforma Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1479458/> Acesso: 23 out. 2023.

	<p>invadidas pelo assassino, elas estão lacradas, foram lacrados logo depois da saída dos peritos, eles deixaram aqui o prédio já de noite. Aquelas três últimas janelas ali do primeiro andar são de uma dessas salas. Alguns moradores, com os quais eu conversei, chegaram a falar da importância da permanência de guardas municipais na porta da escola, mas certamente ninguém poderia imaginar o que iria acontecer dentro deste prédio. Nunca uma escola brasileira tinha sido o cenário de um ataque dessa proporção. A reportagem de Hélder Duarte, que nós vamos ver agora, ela reúne depoimentos de testemunhas e imagens captadas por telefones celulares e por uma câmera de vigilância da escola.</p>
<p>Off1 - Imagens aéreas da fachada da Escola Municipal Tasso da Silveira minutos depois do massacre. Após, foto mostrando o rosto do criminoso.///</p>	<p>Eram aproximadamente oito da manhã quando Wellington Menezes, de 23 anos, chegou à Escola Municipal Tasso da Silveira. Um ex-aluno da escola que não teve dificuldade para entrar.</p>
<p>Sonora da Chefe de Polícia Civil do Rio de Janeiro, Martha Rocha. Nas imagens, a autoridade aparece em mesa com microfones da imprensa.///</p>	<p>O autor se dirigiu à escola. A escola estava com um projeto de entrevista de ex-alunos fazendo palestras.</p>
<p>Off2 - Simulação gráfica dos primeiros passos do atirador. Na ilustração aparece um homem e uma mulher. Na continuação,</p>	<p>A primeira parada do atirador foi numa sala de leitura. Wellington pediu o histórico escolar dele a uma funcionária, que</p>

<p>o atirador está dentro de uma sala com alunos apontando um revólver que fazia a animação de tiros. Por fim, a simulação mostra o criminoso em um corredor atirando contra uma sala cheia de alunos. Animação de crianças fugindo no corredor.///</p>	<p>cuidava de outra tarefa e não pôde atendê-lo. O assassino, que carregava uma bolsa, deixou então a sala de leitura e entrou na primeira sala de aula de uma turma da oitava série, sacou duas armas da bolsa e começou a atirar nos alunos de maneira indiscriminada. A polícia não sabe dizer ainda, quantos tiros foram disparados neste primeiro momento. Wellington entrou em uma segunda sala de aula em frente à primeira. Mais uma vez disparou várias vezes contra os alunos. No momento em que recarregava a munição da arma, algumas crianças conseguiram escapar da sala.</p>
<p>Off3 - Imagens de alunos, funcionários e familiares na rua em frente à escola.///</p>	<p>Alunos de outras turmas custaram a entender o que se passava.</p>
<p>Sonora da estudante Bruna Vitória, de 14 anos, após o ocorrido. As imagens mostram a menina falando ao microfone e diversas pessoas ao fundo.///</p>	<p>Pensando que era bombinha, porque teve uma época que eu soltava bombinha dentro da escola e pensavam que era brincadeira. Daí a gente foi ver o que que era, fomos na porta ver o que que era e nisso a turma do lado começou a sair, muita gente baleada, gente sangrando muito. Aí todo mundo parou em estado de choque. O garoto estava se arrastando morreu no meu pé assim.</p>
<p>Off4 - Imagens do YouTube de uma filmagem do lado de fora da escola, no exato momento do massacre. Junto do off,</p>	<p>Do lado de fora um homem ouviu que pareciam ser tiros e ligou a câmera do celular. O vídeo que ele gravou foi postado</p>

<p>som ambiente da filmagem com sirenes dos carros e pessoas gritando em desespero. Após, imagens de estudantes saindo da escola correndo e algumas sangrando, feridas pelo atirador.///</p>	<p>no site YouTube. Ele registrou também a chegada dos policiais. Em poucos segundos, os alunos começam a deixar o prédio, como mostram as imagens do site. Algumas crianças estão feridas e aguardam socorro do lado de fora da escola.</p>
<p>Off5 - Imagens mostrando a estudante Jade abraçada em uma mulher.///</p>	<p>A menina jade estava no colégio no primeiro andar.</p>
<p>Sonora da estudante Jade. Na imagem, a menina fala ao microfone enquanto uma mulher fica ao seu lado.///</p>	<p>Aí ele chegou falando assim "vou matar vocês". Eu escutava muitos tiros, muitos tiros e um monte de crianças gritando.</p>
<p>Off6 (em cima da entrevista)</p>	<p>Ela conta que ao tentar fugir do assassino, só pegou a caneta que usava na aula de ciências.</p>
<p>Sonora da estudante Jade. Na imagem, a menina fala ao microfone enquanto uma mulher fica ao seu lado.///</p>	<p>Quando ia subir por segundo aí eu fui lá e falei assim: Meu Deus o que que será que vai acontecer comigo? Eu falei para minha amiga. Aí a gente subiu e nisso ele atirando no pé das crianças para não subirem e ia mandando as crianças virarem para a parede que ia atirar nela e as crianças falavam: Não atira em mim não atira em mim, por favor, por favor, moço. Aí ele ia lá e tirava na cabeça das crianças. Tinha muitas crianças mortas e também uma cachoeira, muito sangue e crianças agonizando na escada.</p>

	<p>Aí a gente subiu e tinha uma menina caída na escada. Aí eu peguei, dei a mão para ela e ela foi subindo, mas ela não estava ferida. Aí eu subi com ela, aí nisso, tava eu e meus colegas aí a gente subiu, entramos na sala e ele tava carregando a arma. Isso que ele tava carregando a arma, eu corri mais rápido, entrei na sala, aí o professor pegou trancou a porta botou cadeira, mesa, estante, o armário, caderno, tudo e aí mandou todo mundo abaixar, ele abaixou também e vários alunos também estavam desmaiados na sala de aula. Acontecendo um monte de coisa gritavam e o professor falava: não, não grita, não grita, em silêncio, silêncio. Aí eu agachei e fiquei desenhando uma casa na minha mão com a única coisa que eu consegui pegar.</p>
<p>Off7 - Simulação dos policiais vasculhando o prédio. Na ilustração seguinte, o assassino sobe uma escada atirando contra os policiais.</p>	<p>A polícia vasculhava o prédio e não demorou a encontrar Wellington em um corredor. O assassino disparou contra os dois PMs e fugiu. Numa escada que dá acesso ao segundo andar, ele foi alvejado pelo sargento Márcio Alves.</p>
<p>Sonora Sargento Marcio Alexandre Alves. Na imagem, a autoridade concede entrevista em uma mesa com microfones da imprensa.</p>	<p>Vimos aqui para a escola, eu cheguei já estava correndo os tiros e no segundo andar eu encontrei o meliante saindo de uma sala. Ele foi apontou a minha direção</p>

	foi baleado, caiu na escada e cometeu um suicídio logo após.
Off8 - Imagens do YouTube de uma filmagem do lado de fora da escola, no exato momento do massacre. Som ambiente do vídeo com grito das pessoas presentes em desespero.///	O cinegrafista amador continuava gravando imagens do lado de fora e registra o que parecem ser tiros. As crianças permanecem esperando atendimento. O autor do vídeo consegue entrar no colégio. Uma mãe grita em desespero.
Off9 - Imagens da estudante concedendo entrevista.///	Pamela, de 13 anos, contou que os alunos se esconderam no auditório no último andar.
Sonora da estudante Pamela.///	A gente entrou no auditório, ficamos quietos. Sentados no chão? (pergunta repórter) Sentados no chão. Trancou a porta? (pergunta repórter)Trancou a porta, botaram as mesas e os armários.
Off10 – Gravação de uma viatura chegando à escola enquanto a câmera fecha no repórter Hélder Duarte.///	A escola foi interditada depois que professores, alunos e funcionários foram socorridos. Peritos passaram o dia todo lá dentro colhendo informações para investigação. Logo ali na entrada a gente vê uma câmera do circuito interno de TV. O computador com as imagens já está com a polícia. Mesmo os policiais mais experientes deixam a escola impressionados, eles dizem que o cenário é de guerra, com carteiras espalhadas pelo chão e muito sangue nos corredores.

Off11 - Imagens do circuito interno mostrando o assassino no corredor. Em seguida, policiais aparecem na filmagem e alunos escapam das salas de aula.///	Estas imagens do circuito interno de TV, Wellington aparece no corredor recarregando o revólver e entrando na sala de aula. Agora ele carrega a arma mais uma vez e volta para a sala onde estava. Nesta outra sequência, o primeiro policial militar aparece com o fuzil na mão, atrás dele outros dois pm dão cobertura. O policial entra na sala e ajuda os alunos a escapar.
Off12 - Imagens do secretário da saúde.///	O secretário de saúde do estado ficou chocado com a situação das crianças.
Sonora do secretário estadual de saúde do Rio de Janeiro, Sérgio Cortes. Na imagem, o homem aparece assustado e concede entrevista.///	Os tiros que são fatais né? Que é face, tórax e abdômen. Nós temos diversas crianças que tiveram tiro na face. É uma violência totalmente desmedida.
Off13 - Estudante concedendo entrevista.///	O menino Mateus ainda tenta entender como escapou do massacre.
Sonora do estudante Mateus Coelho, de 13 anos. Na imagem, já de noite, Mateus está falando com o repórter e, ao fundo, muitas pessoas estão na fachada da escola.///	Ele procurava as pessoas assim, mirava assim na cabeça e atirava. Vai matando meus colegas lá e tudo, e eu pedindo a Deus para ele não me matar. Na hora que estava carregando a arma, eu ficava orando lá e tudo assim, aí quando ele voltava eu falava toda hora assim, aí na

	segunda vez assim ele já falou: Fica tranquilo gordinho que eu não vou fazer nada contigo não. Ele falou assim mesmo.
Fátima Bernardes entra ao vivo após o final da reportagem, chamando imagens gravadas por um cinegrafista amador.///	Nós vamos ver agora imagens gravadas por um cinegrafista amador dentro da escola.
Nota coberta - Imagens gravadas por um cinegrafista dentro da escola após o ataque. Cenas de correria, tumulto, alunos feridos e, por fim, imagens do atirador morto no meio da escada por meio de vídeo e foto.///	Um morador da área entrou no prédio logo após o ataque. Em meio ao tumulto, pais, professores e policiais militares ajudavam a retirar os alunos. Muitos deles estavam feridos. Na confusão é possível ver o corpo do atirador, Wellington Menezes de Oliveira, morto na escada. Ele aparece também nesta foto.

A reportagem em questão, levando em consideração o tempo da cabeça²¹ lida pelo âncora William Bonner, totaliza uma duração de 9 minutos e 49 segundos, sugerindo ser o principal tema da edição. A apresentadora Fátima Bernardes encontrava-se em proximidade ao local do massacre, especificamente em uma residência situada diante da escola alvo do ataque, e participou da edição do jornal ao vivo diretamente do espaço.

²¹ O texto introdutório de uma reportagem, normalmente lido pelo apresentador do telejornal.

Figura 3 - Fátima Bernardes em frente à escola atacada



Fonte: Jornal Nacional/ Globoplay

No caso específico abordado, a reportagem, cuja autoria é de Hélder Duarte, apresenta o autor do ataque de forma detalhada ao público.

A cabeça da reportagem e a subsequente intervenção ao vivo de Fátima Bernardes não mencionaram o nome do autor, fazendo referência a ele somente como "o assassino" em uma única ocasião. No entanto, a reportagem em si revela imediatamente o nome do autor, Wellington Menezes, e sua idade, 23 anos, acompanhados por uma imagem do rosto dele. Adicionalmente, o texto inicial da reportagem expõe a conexão do assassino com a instituição de ensino atingida: "Eram aproximadamente oito da manhã quando Wellington Menezes, de 23 anos, chegou à Escola Municipal Tasso da Silveira. Um ex-aluno da escola que não teve dificuldade para entrar".

Figura 4 – Foto do assassino apresentada no início da reportagem



Fonte: Jornal Nacional/ Globoplay

O perpetrador do ataque é igualmente retratado em registros provenientes do circuito interno de vigilância da instituição escolar, que documentam o momento em que o mesmo procede à recarga de seu revólver por duas vezes. A reportagem também usa elementos gráficos para fazer uma simulação do caminho que Wellington teria percorrido dentro da escola. Essas imagens oferecem um testemunho visual dos eventos ocorridos e contribuem para uma compreensão mais abrangente das ações do assassino no local.

Figura 5 – Imagem capturada por câmera interna da escola



Fonte: Jornal Nacional/ Globoplay

Além disso, é relevante mencionar a exibição de um vídeo gravado por um cinegrafista amador, morador da região que adentrou a escola imediatamente após o ocorrido, retratando o assassino morto na escada após ter sido alvejado. A reportagem encerra com uma outra foto do assassino já sem vida, obtida pelo telejornal através da Agência Estado.

Figura 6 – Assassino morto nas escadas da escola



Fonte: Jornal Nacional/ Globoplay

Figura 7 – Wellington Menezes morto na escola



Fonte: Jornal Nacional/ Globoplay

A reportagem se referiu ao autor do caso como "assassino" quatro vezes e duas como "atirador". Já o nome de Wellington foi comentado seis vezes ao longo da produção jornalística. Essa frequência pode influenciar a maneira como o público assimila a informação e a imagem que forma do assassino.

Em relação à profundidade na cobertura jornalística deste caso, especificamente, é importante destacar a presença da repórter no local do crime, que entrou ao vivo no telejornal diretamente do referido espaço. Essa decisão contribui para fornecer ao público informações em tempo real e uma visão mais imediata dos acontecimentos, além de demonstrar o comprometimento do telejornal em cobrir o evento com profundidade.

A contextualização da apresentadora Fátima Bernardes, relatando que a área permanece isolada devido ao horário do acontecimento, ajuda a situar os espectadores no contexto temporal: "Nesse momento, a área continua isolada, os moradores aqui da região não podem se aproximar. Na escola, ainda estão policiais civis, militares, a guarda municipal e funcionários. As salas invadidas pelo assassino, elas estão lacradas, foram lacrados logo depois da saída dos peritos". No entanto, a falta de contextualização geográfica, especificamente a omissão da localização exata da escola é uma falha, especialmente para aqueles que não estão familiarizados com a região do Rio de Janeiro. A única informação dita na edição do telejornal sobre o local do crime é que o caso aconteceu no "bairro de Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro". A inclusão de informações geográficas pode ajudar a situar o público e fornecer um contexto mais abrangente.

Outro ponto importante sobre a profundidade da reportagem é a inclusão de depoimentos e imagens capturadas por celulares e câmeras de vigilância da escola, uma vez que fornece uma visão mais próxima dos eventos. A utilização de depoimentos de testemunhas oculares, como alunos e autoridades, contribui para dar voz às pessoas diretamente afetadas pelo incidente e para contextualizar as reações e emoções envolvidas, além de dar credibilidade à narrativa. A reportagem ouviu testemunhas diretas, como os estudantes que presenciaram os momentos de horror, são eles: Bruna (14 anos), Jade (idade não revelada), Pamela (13 anos) e Mateus (13 anos), que compartilharam experiências e perspectivas. Jade, em particular, fala por um tempo substancial para uma sonora, especificamente 1 minuto e 47 segundos, proporcionando uma visão aprofundada e detalhada do que

aconteceu, visto que “sonoras com 20 ou 30 segundos permitem que a ideia seja melhor desenvolvida”²². A produção jornalística incluiu também as falas de autoridades como a chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro, Martha Rocha, o sargento Márcio Alexandre Alves, que atuou no confronto com o assassino, e o secretário estadual de Saúde do Rio de Janeiro na época, Sérgio Cortes.

A reportagem segue o *lead* jornalístico, respondendo quem é o assassino, contextualizando o que aconteceu naquele 7 de abril, além de mencionarem o horário e a abordagem como o crime foi cometido, através de relatos e simulações. No entanto, o porquê ou a motivação por trás do ataque não é abordado, apenas sendo mencionado pelo repórter que a polícia está coletando informações para a investigação subsequente: “peritos passaram o dia todo lá dentro colhendo informações para investigação”. A decisão de não se aprofundar na motivação para o assassinato pode ser vista como uma medida de responsabilidade, uma vez que a especulação prematura sobre os motivos do autor pode gerar controvérsias e desinformação.

Ainda, a reportagem não fornece informações sobre o número de feridos ou mortos, nem uma estimativa, além de não informar se a produção tem ou não tal informação, o que é uma omissão relevante na cobertura de um evento trágico. Essas informações são cruciais para entender a magnitude do incidente e suas implicações.

A humanização na cobertura jornalística de eventos trágicos se relaciona diretamente com a maneira como as histórias são contadas e como as vítimas e testemunhas são retratadas. A reportagem em questão apresenta a presença de parte da equipe jornalística no local do incidente, como descrito anteriormente, o que contribui para uma abordagem mais próxima do evento. Fátima Bernardes contextualiza sua localização, descrevendo o ambiente e destacando a relação da proprietária da casa em que estava em frente à escola (Figura 3): “a dona dessa casa mora aqui há 40 anos. Ela tinha acabado de sair do prédio da escola onde a filha dela estuda e ela trabalha como voluntária, na sala de leitura, quando começaram os tiros”. Esse contexto oferece uma visão pessoal e humana da situação, conectando a reportagem à comunidade afetada.

²² Disponível em: http://sites.ufca.edu.br/jornalismo/wp-content/uploads/sites/24/2016/01/Manual_Telejornalismo.pdf
Acesso: 30 out. 2023.

A reportagem também inclui entrevistas com quatro estudantes que acabaram de sair do local do ataque. Logo, ao expor os estudantes em um momento de trauma recente, a abordagem não prioriza a humanização, visto que os princípios editoriais da Rede Globo, apresentados no terceiro capítulo desta pesquisa, visam preservar as fontes. Junior (2006, p. 71) afirma que há uma grande diferença entre “informar (interesse do público) e fazer serviço público (ético com os envolvidos)”.

O modo como se entrevista vítimas de traumas, familiares e profissionais, em emergências, emite um sinal de nossos princípios éticos, dos limites que se impõe para diferenciar-se do sensacionalismo, da exploração da miséria, da rapina emocional. A urgência de não perder uma informação (porque temos compromisso com o público) está a uma passo de coberturas insensíveis e ofensivas (porque não vemos o compromisso com as fontes, mesmo as vítimas) (JUNIOR, 2006, p. 71).

A exposição dos alunos a uma situação de entrevista logo após um evento traumático é insensível e desconsidera as emoções dos menores. Além disso, a produção jornalística inclui imagens de estudantes feridos, expondo o público a cenas de sangue e desespero sem o uso de técnicas de *blur*²³ para atenuar o impacto visual. Tais procedimentos vão contra os princípios editoriais do Grupo Globo, mencionados no terceiro capítulo da pesquisa, visto que a escolha da produção não preserva a identidade das vítimas, sem respeitar o compromisso assumido com as mesmas. Vale ressaltar que o documento editorial da empresa foi atualizado quatro meses depois do caso aqui estudado, o que significa que a cobertura de Realengo pode ter contribuído para a política implementada em 2011.

²³ Desfoque da imagem para não ser claramente identificado. Normalmente usado em pessoa ou objeto.

Figura 8 – Estudante ferida



Fonte: Jornal Nacional/ Globoplay

A estudante ferida na imagem acima vira as costas para o homem que estava registrando o momento imediatamente após perceber a filmagem, demonstrando desconforto em estar sendo filmada. A cena ocorre na descrição: “Off4 - Imagens do YouTube de uma filmagem do lado de fora da escola, no exato momento do massacre. Junto do off, som ambiente da filmagem com sirenes dos carros e pessoas gritando em desespero. Após, imagens de estudantes saindo da escola correndo e algumas sangrando, feridas pelo atirador”. Essas imagens impactantes podem gerar desgaste emocional e não fornecem um espaço para a reflexão e a empatia. Ao não desfocar as imagens, a abordagem editorial segue a afirmação de Sodré (2006, p. 97), citada no terceiro capítulo deste trabalho, em que ele acredita que a mídia passou a abordar casos de violência e insegurança pública de forma mais dramática.

A exposição do assassino morto na escada (Figuras 6 e 7), com pouca ou nenhuma técnica de *blur*, contraria a humanização, sendo vista como insensível, expondo o público a imagens perturbadoras.

4.3.2 A crueldade e a covardia de um assassino indignaram o Brasil²⁴

No dia 5 de abril de 2023, data do ataque à creche em Blumenau, o Jornal Nacional produziu uma reportagem sobre o caso.

Figura 9 – Reportagem do Jornal Nacional no dia 5 de abril de 2023

<p>Apresentador William Bonner lê a cabeça da reportagem no estúdio com o cenário tradicional do JN ao fundo.///</p>	<p>A crueldade e a covardia de um assassino indignaram o Brasil nesta quarta-feira. Ele invadiu uma creche em Blumenau, Santa Catarina, e matou quatro crianças.</p>
<p>Off1 - Imagens aéreas da creche, seguidas de filmagens do parquinho que fica na entrada do local.///</p>	<p>O ataque covarde e cruel foi por volta das nove da manhã, quando o assassino chegou de moto à creche particular e pulou o muro armado com uma machadinha. Crianças e funcionários estavam no parquinho.</p>
<p>Off2 - Filmagens de pais e filhos assustados após o ocorrido, deixando visível apenas o rosto dos responsáveis.///</p>	<p>Os pais apavorados correram para a escola assim que souberam do ataque.</p>
<p>Sobe som de um pai com um filho no colo falando ao telefone.///</p>	<p>Nossos filhos estão bem. Eu estou com os dois aqui.</p>
<p>Off3 - Na gravação, uma mulher aparece chorando sentada no chão abraçada com uma menina com rosto não identificado.</p>	<p>Mas nem todos puderam voltar com o filho para casa.</p>

²⁴ Título do vídeo disponível na página do Jornal Nacional na plataforma Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11511766/?s=0s>
Acesso: 24 out. 2023.

<p>Junto delas, um homem e uma mulher aparecem agachados prestando apoio.///</p>	
<p>Off4 - Imagens da entrevista do pai de umas das vítimas.///</p>	<p>Bruno é pai de Bernardo de 5 anos, uma das quatro crianças assassinadas. Todas tinham de quatro a sete anos.</p>
<p>Sonora Bruno, pai de uma das vítimas. Na filmagem, o homem concede entrevista</p>	<p>E eu agradeço a Deus por todos os momento que eu vivi com o meu filho. Então a partir de hoje a memória dele vai ser honrada no meu coração e que Deus conforte o coração de cada um aqui dentro aqui, todo mundo.</p>
<p>Off5 - Imagens da entrevista do pai de uma das sobreviventes.///</p>	<p>Esse homem é pai de uma das sobreviventes.</p>
<p>Sonora Henrique Araújo, pai de Lara (uma das sobreviventes).///</p>	<p>A Lara só chora, a Lara tá muito abalada. Tipo cara, minha filha tá bem fisicamente, graças a deus, mas emocionalmente, ela está destruída, entendeu? Como é que eu vou tirar isso da cabeça da minha filha?</p>
<p>Off6 - Homem carrega menino dentro do perímetro do ataque. Não é possível identificar o rosto do menor de idade.///</p>	<p>André é marido de uma das professoras que trancaram as salas de aula na tentativa de salvar os estudantes. Ele falou com a mulher durante o ataque.</p>
<p>Sonora André. Na filmagem, ele concede a entrevista na rua com um carro ao fundo.///</p>	<p>Ela começou a falar para mim que a escola estava sendo atacada. Me contou, que</p>

	<p>depois que o cara foi embora, ela foi para o parque, pra ver se via as crianças assim. Tentou até ajudar uma parece, para tentar mas não conseguiu. Daí ela tava em estado de choque sabe? bem mal.</p>
<p>Passagem do repórter Jean Raupp, em frente à creche atacada.///</p>	<p>Enquanto os bombeiros socorriam os feridos, o assassino se entregava no batalhão da polícia militar há 3 km daqui. Ele foi preso em flagrante por quatro homicídios triplamente qualificados e outras quatro tentativas de homicídio.</p>
<p>Sonora Ulisses Gabriel, delegado-geral da Polícia Civil de Santa Catarina. O delegado falando ao microfone, concede entrevista rodeado de policiais.///</p>	<p>A situação é de caso isolado, não tem relação com outras práticas criminosas e não é um fato coordenado, seja por jogo, seja por rede social, seja através de conversas e negociações entre criminosos.</p>
<p>Off7 - Filmagens do parquinho e da fachada da creche interditada com faixas amarelas. Grades contra-luz mostrando o parquinho ensolarado.///</p>	<p>A polícia pediu a justiça a quebra de sigilo telefônico e das redes sociais do assassino e investiga se ele agiu sozinho ou recebeu ajuda para o ataque. As aulas da rede pública foram suspensas em Blumenau.</p>
<p>Sonora prefeito de Blumenau concedendo entrevista a veículos jornalísticos. De fundo, imagens do plenário da prefeitura.///</p>	<p>Nós vamos intensificar durante os primeiros dias aí essas ações de monitoramento das nossas escolas públicas, privadas, para que a gente possa dar o máximo possível de presença do efetivo policial e diminuir ao máximo o risco de eventualmente alguma ação continuar a vir acontecer.</p>

<p>Sonora governador de Santa Catarina. Durante a entrevista, diversas pessoas ficam no entorno do governador.///</p>	<p>É uma tragédia que a gente sofre junto com as famílias. O que fazer em um momento desse? Estamos preocupados, todas as forças de segurança estão aqui mas a gente precisa falar mais, alguém tem que trazer mais a família para dentro da escola, eu tenho falado muito isso em algumas entrevistas. Infelizmente uma pessoa dessa trouxe essa tragédia para todos nós, né? Especialmente para as famílias. Isso nos deixa muito, muito triste, muito, muito chocado, a gente tá desolado nesse momento.</p>
<p>Editorial - Apresentador William Bonner fala sobre nova política de cobertura no estúdio com o cenário tradicional do JN ao fundo.///</p>	<p>Os veículos do grupo globo tinham há anos como política publicar apenas uma única vez o nome e a foto de autores de massacres como o ocorrido em Blumenau. O objetivo sempre foi evitar dar fama aos assassinos para não inspirar autores de novos massacres. Essa política muda hoje e será ainda mais restritiva. O nome e a imagem de autores de ataques jamais serão publicados assim como vídeos das ações. A decisão segue as recomendações mais recentes de prestigiados especialistas no tema para quem dar visibilidade a agressores pode servir como um estímulo a novos ataques. Estudos mostram que os autores buscam exatamente esta notoriedade, por pequena que seja, e não noticiamos ataques frustrados subsequentes, também para conter o chamado efeito contágio.</p>

--	--

A reportagem sobre o ataque à creche em Blumenau, levando em consideração o tempo da cabeça e do editorial, ambos lidos pelo apresentador William Bonner, totaliza uma duração de 4 minutos e 12 segundos. Esta foi a quarta matéria da edição e a mais longa, apesar da diferença de cerca de um minuto das demais²⁵.

A cabeça da reportagem se refere ao autor do crime como "assassino" uma vez, usando um termo que descreve a ação criminosa que foi cometida. No entanto, durante o desenvolvimento da reportagem, o termo é repetidamente utilizado para se referir ao autor, sendo mencionado quatro vezes ao longo do relato. Essa repetição enfatiza a natureza criminosa do ato, criando uma imagem que prioriza a dimensão da violência do ocorrido.

É importante notar que, de acordo com as informações fornecidas, em nenhum momento da reportagem foi revelado o nome, idade, aparência, ocupação ou qualquer outra informação pessoal sobre o assassino.²⁶

Sobre a profundidade na cobertura jornalística deste caso específico em Blumenau, a abordagem adotada se concentra, principalmente, em fornecer informações factuais sobre o ocorrido, procurando responder as principais perguntas do *lead* no jornalismo: quem, quando, onde, como e por quê o incidente ocorreu.

O "quem" é implicitamente apresentado, uma vez que se refere ao autor do ataque sem mencionar nome ou outras informações pessoais. O "quando" é claramente definido a partir do momento que o repórter fala que "o ataque covarde e cruel foi por volta das nove da manhã". Já o "onde" identifica o local como uma escola, mas a reportagem não aborda informações específicas sobre a localização exata da instituição dentro da cidade e não fornece detalhes geográficos sobre a região de Santa Catarina na qual Blumenau está situada.

²⁵ A reportagem intitulada "Bolsonaro presta depoimento à PF, em Brasília, sobre joias milionárias que recebeu da Arábia Saudita" conta com 3 minutos e seis segundos.

Já o VT chamado "Ministro de Minas e Energia afirma que a política de preços de combustíveis da Petrobras vai mudar; empresa nega" tem 3 minutos e 54 segundos.

²⁶ A identidade e imagem do assassino chegou a ser divulgada por outros veículos de imprensa, como o portal Metrôpoles (<https://www.metropoles.com/brasil/saiba-quem-e-o-suspeito-de-cometer-massacre-na-creche-em-blumenau>) e o portal R7 (<https://noticias.r7.com/cidades/quem-e-o-homem-que-diz-ter-atacado-creche-em-santa-catarina-05042023>)

A descrição de "como" o incidente ocorreu detalha o método utilizado pelo autor, que pulou o muro da escola e utilizou uma machadinha para matar as crianças: "o assassino chegou de moto à creche particular e pulou o muro armado com uma machadinha". Esses detalhes contribuem para uma compreensão mais abrangente dos eventos e das circunstâncias que cercaram o ataque.

Entretanto, a resposta à pergunta "por quê" o incidente ocorreu não é completamente abordada na reportagem, há uma ausência de informações sobre a motivação do autor para cometer o crime. Contudo, um dos entrevistados, o delegado-geral da Polícia Civil de Santa Catarina da época, Ulisses Gabriel, comenta que "a situação é de caso isolado, não tem relação com outras práticas criminosas e não é um fato coordenado, seja por jogo, seja por rede social, seja através de conversas e negociações entre criminosos".

Há inclusão de sonoras de vários entrevistados sobre o acontecimento, como o de Bruno Bridi, pai de Bernardo de 5 anos assassinado pelo criminoso, o de Henrique Araújo, pai de uma sobrevivente, e o de André Nazário, marido de uma professora que presenciou a cena. Além disso, autoridades foram ouvidas, como o delegado-geral da Polícia Civil de Santa Catarina, Ulisses Gabriel, Mário Hildebrandt, o prefeito de Blumenau, e Jorginho Mello, o governador de Santa Catarina. As perspectivas e declarações dessas fontes mostram as reações da comunidade, as ações das autoridades e as preocupações que surgiram em decorrência do incidente.

No contexto da reportagem analisada, é possível observar uma abordagem que prioriza a dimensão humana e emocional dos eventos, bem como uma postura editorial que evita uma exposição sensacionalista.

"A crueldade e a covardia de um assassino indignaram o Brasil nesta quarta-feira", afirmou o apresentador William Bonner, destacando a violência e a barbárie do ataque e buscando comunicar a gravidade do caso de forma apropriada. O uso das palavras "cruel" e "covarde" pode ser interpretado como uma tentativa de transmitir a indignação e o pesar diante do ocorrido, sem explorar o sensacionalismo.

A reportagem inclui imagens de familiares chorando por conta do ataque que parentes, em sua grande maioria crianças, sofreram. Tais imagens capturam a dor e a angústia das pessoas, conectando o público com a realidade emocional da situação, destacando a importância da humanização na cobertura jornalística.

Figura 10 – Família impactada pelo ataque em Blumenau



Fonte: Jornal Nacional/ Globoplay

A entrevista com o pai de Bernardo, uma das vítimas de apenas 5 anos de idade, é um exemplo de como a reportagem busca humanizar as vítimas e suas famílias. Ao dar voz a um ente querido que compartilha suas memórias e emoções, a reportagem é respeitosa, empática e humana, além de permitir que o público se identifique com o sofrimento causado pelo ataque.

Outro ponto importante de ser destacado é a decisão de não expor nenhuma criança na reportagem. Essa escolha editorial demonstra sensibilidade e empatia em relação às crianças envolvidas no incidente, protegendo-as de exposições indesejadas, construindo uma abordagem responsável e humanizada.

Além disso, o Jornal Nacional optou por não expor o assassino, decisão tomada a partir do conceito de efeito contágio, detalhado a seguir.

4.3.2.1 Efeito contágio

No editorial da reportagem do ataque à creche em Blumenau, o âncora William Bonner revela nova política do Grupo Globo sobre ataques desta natureza e proporção: “o nome e a imagem de autores de ataques jamais serão publicados, assim como vídeos das ações”.

De acordo com o apresentador, essa decisão é fundamentada nas recomendações mais recentes de especialistas do campo, os quais enfatizam que a

visibilidade concedida a agressores pode, de fato, servir como um estímulo para a ocorrência de novos ataques, o que justifica o nome “efeito contágio”.

Sendo a admiração, ou a busca por algum tipo de glória, de acordo com especialistas, o que esses grupos buscam, a divulgação de nomes e de detalhes do ataque pode funcionar como um instrumento para, nos meios extremistas, tornar o autor do ataque uma espécie de celebridade. Ademais, ao se falar em “efeito contágio” – isto é, possibilidade de novos ataques “imitando” um atentado “célebre” – deve-se ter em mente que o “imitador”, muito provavelmente, não presenciou o “ataque inspirador”; todas as informações que podem servir de modelo para um comportamento imitador são fornecidas pela mídia. E há estudos que indicam que a mídia pode influenciar imitações. Daí a necessidade de se rever as formas de noticiar certos eventos (Saad Diniz, 2023).

A mudança na política editorial reflete um compromisso com a responsabilidade jornalística e com a mitigação dos riscos associados à ampla divulgação de informações sobre agressores, que poderiam encorajar a perpetração de novos ataques. Essa abordagem reforça a importância de um jornalismo ético e responsável na cobertura de eventos trágicos, considerando não apenas a necessidade de informar o público, mas também a responsabilidade de proteger a sociedade de possíveis consequências negativas resultantes da exposição indevida de agressores.

Em conclusão, o efeito contágio é um fenômeno real e preocupante que desafia a sociedade e os meios de comunicação a lidarem com responsabilidade em relação à cobertura de eventos trágicos. A exposição excessiva de agressores de atos violentos pode contribuir para um aumento na incidência desses comportamentos. Portanto, a implementação de diretrizes éticas e a conscientização sobre os riscos do efeito contágio são passos essenciais para mitigar seu impacto e prevenir comportamentos violentos indesejados.

4.3.3 Comparação dos casos

A análise comparativa das reportagens sobre o massacre de Realengo e o ataque à creche em Blumenau revela diferenças significativas na forma como esses trágicos eventos foram abordados pelo Jornal Nacional no dia em que aconteceram. Essas diferenças abrangem a duração das reportagens, a divulgação de informações sobre os agressores, os depoimentos apresentados, a ausência de informações sobre a motivação do crime, a inclusão de simulações ilustrativas, a

falta de informações sobre o número de vítimas, a apresentação de imagens de feridos e mortos, entre outros aspectos.

A reportagem sobre o massacre de Realengo tem uma duração de 9 minutos e 49 segundos, enquanto a reportagem sobre o ataque a creche em Blumenau tem 4 minutos e 12 segundos. A grande diferença de 5 minutos e 37 segundos entre as duas produções talvez possa ser justificada pelo fato de que o caso em Realengo resultou em um número significativamente maior de vítimas, sendo 12 crianças mortas, além de que, como enfatizado por Fátima Bernardes na reportagem sobre o massacre no Jornal Nacional, "nunca uma escola brasileira tinha sido o cenário de um ataque dessa proporção". Em Blumenau, quatro crianças morreram. Como os casos de ataques em escolas estão aumentando, conforme evidenciado no capítulo dois da presente pesquisa, é possível que tenha acontecido uma normalização pela sociedade em relação a eventos do tipo e, por esse motivo, uma reportagem mais curta.

Em relação à divulgação de informações sobre os agressores, a reportagem sobre o massacre de Realengo revela detalhes como o nome, a idade e a ligação do autor do crime com a escola. Além disso, a reportagem se refere ao agressor como "assassino" quatro vezes, como "atirador" duas vezes, e menciona o nome dele seis vezes. Já a reportagem sobre o ataque à creche em Blumenau não fornece nenhuma informação sobre o autor e se refere a ele como "assassino" cinco vezes, adotando uma postura mais restritiva na exposição do autor do crime.

Ambas as reportagens apresentam depoimentos, mas com uma diferença notável. A reportagem sobre o massacre de Realengo ouve estudantes, enquanto a de Blumenau entrevista terceiros, ou seja, pessoas ligadas às vítimas, como os responsáveis das crianças. As duas produções jornalísticas não incluem depoimentos de pessoas da comunidade escolar, como professores e diretores, falhando na perspectiva da escola. Ambas as reportagens também ouvem autoridades locais.

A ausência de informações sobre a motivação do crime é comum entre as duas produções, com uma pequena exceção da reportagem sobre o ataque à creche em Blumenau, que logo descarta a possibilidade do ato violento envolver mais alguma pessoa além do assassino. A falta deste dado vai contra o conceito de "dever de informar" do jornalismo, visto ao longo do terceiro capítulo da pesquisa, já que é uma informação que o público se questiona ao ver a reportagem.

Ainda em relação às diferenças das produções analisadas, a reportagem sobre o massacre de Realengo inclui uma simulação ilustrativa, o que a de Blumenau não tem. A simulação ajuda na compreensão dos eventos e das circunstâncias do caso.

Em relação à divulgação do número de vítimas, a reportagem sobre o massacre de Realengo não fornece informações sobre o número de mortos e feridos, nem mesmo um balanço. Já a reportagem sobre o ataque à creche em Blumenau menciona o número de pessoas que morreram.

A apresentação de imagens de pessoas feridas e mortas nas reportagens difere. A reportagem sobre o massacre de Realengo mostra imagens de vítimas feridas e mortas sem *blur* suficiente, tornando as imagens claras. Em contrapartida, a reportagem sobre o ataque à creche em Blumenau não apresenta imagens de pessoas feridas ou de crianças, mantendo uma abordagem mais sensível.

Em resumo, as duas reportagens apresentam diferenças notórias na abordagem de eventos trágicos. A comparação evidencia como a mídia pode variar na divulgação de informações sobre agressores, na inclusão de depoimentos, na exposição de imagens e na forma como os eventos são ilustrados, com o objetivo de atender aos princípios éticos, como os citados no capítulo três com base nos estudos de Christofolletti (2008) e Karam (2014).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho de conclusão de curso foi analisar a mudança de posicionamento editorial, tratamento e abordagem dos casos do Jornal Nacional em relação à divulgação da autoria do massacre de Realengo (2011) em comparação com a cobertura do ataque à creche em Blumenau (2023).

A apresentação do assassino em uma reportagem jornalística é uma questão complexa que envolve escolhas editoriais significativas. O tratamento de ataques de violência extrema em escolas, como os escolhidos na presente pesquisa, envolve uma análise cuidadosa da extensão das informações fornecidas, bem como o nível de detalhe a ser compartilhado com o público. A decisão da maneira como o autor do crime é apresentado em uma produção telejornalística desempenha um papel crítico no jornalismo, exigindo equilíbrio e responsabilidade para evitar a exposição excessiva e inadequada do criminoso.

A abordagem da reportagem descrita, com elementos que variam entre humanização e a falta dela, destaca a necessidade de uma consideração mais cuidadosa das implicações emocionais da cobertura jornalística de incidentes trágicos. A ética deve ser priorizada, a exposição excessiva de imagens e o impacto sobre as vítimas e testemunhas devem ser levados em consideração ao abordar tais eventos.

A pesquisa teve como base a análise de imagens em movimento (ROSE, 2002). A escolha do método foi importante para o trabalho a partir das duas reportagens com foco na autoria do massacre de Realengo e do ataque à creche em Blumenau por diversas razões. Primeiramente, essa abordagem permitiu a contextualização visual das reportagens, possibilitando a compreensão do contexto no qual as notícias foram apresentadas. Também, a análise de imagens em movimento auxiliou a avaliar o impacto emocional das reportagens, como a presença de imagens perturbadoras ou a forma como as cenas são retratadas.

No contexto de uma análise sobre a abordagem da autoria dos massacres, o método revelou como os agressores são apresentados visualmente. Isso inclui a exposição ou não de detalhes sobre os autores, a forma como foram retratados, se foram mostrados de forma humanizada, e a ênfase visual dada a eles.

Em 2011, quando ocorreu o massacre de Realengo, a apresentação do assassino na reportagem do Jornal Nacional careceu de cuidado e sensibilidade em

relação ao equilíbrio entre informar o público sobre os fatos e a exposição indevida do autor do crime. A forma como o assassino foi retratado na reportagem, sem o devido cuidado, pode ter contribuído para uma narrativa no sentido de negligenciar a responsabilidade ética jornalística. A abordagem da mídia nesse caso específico ressalta a importância de considerar não apenas o dever de informar, mas também a responsabilidade de evitar o impacto de reprodução das ações na sociedade, denominado como “efeito contágio”.

Doze anos depois, com o ataque em Blumenau, observa-se uma mudança significativa na política editorial do Jornal Nacional em relação à cobertura de casos de violência, uma alteração que se revela benéfica para a sociedade. A justificativa por trás dessa transformação reside na intenção de evitar a propagação e o estímulo a episódios de violência semelhantes aos investigados nesta pesquisa, bem como de negar aos assassinos a visibilidade que buscam.

Nesse contexto, não apenas o telejornal, mas também a mídia de maneira mais abrangente, tem o potencial de desempenhar um papel crucial em evitar um eventual estímulo de casos como esses, contribuindo para a conscientização pública, fomentando o debate sobre as causas da violência e promovendo soluções preventivas. O respeito irrestrito aos direitos humanos deve permanecer como a principal consideração, especialmente no exercício da atividade jornalística. Este episódio enfatiza a contínua necessidade de reflexão ética no jornalismo, particularmente diante de situações de extrema sensibilidade, como tragédias e crimes violentos.

Os jornalistas enfrentam a responsabilidade de equilibrar o interesse público na informação com o respeito à dignidade humana, evitando a exposição excessiva e assegurando que a narrativa não contribua para o sofrimento adicional das vítimas.

Por fim, ao término da presente pesquisa, é possível concluir que a alteração no posicionamento do Jornal Nacional em relação à cobertura de ataques é apropriada, representando um movimento fundamental de compromisso do jornalismo não apenas com a informação, mas também com a solução dos problemas, servindo de exemplo para outras coberturas. A revisão nas práticas jornalísticas, ao evitar a exposição excessiva dos criminosos e a propagação de eventos violentos, demonstra uma conscientização acerca da responsabilidade social da mídia na construção de uma convivência mais pacífica. Essa adaptação no

enfoque editorial contribui para uma abordagem mais ética, considerando a sensibilidade dos temas abordados, e reforça a importância de uma cobertura jornalística responsável, pautada nos princípios da dignidade humana e da busca pela paz social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDRADE, Francisca Marli Rodrigues de. **Natureza e representações que re-existem: cinco séculos de invasão, apropriação e violência na Amazônia Brasileira**. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande, v. 36, n. 2, p. 207-227, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/9039/5921>

ARRABAL, Alexandre. "A arte como linguagem jornalística". In: **Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo**. Organização Memória Globo. Rio de Janeiro: Globo Livros. 2019. p. 351-361.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus. 2002.

BARBOSA, Cíntia Soares. **A televisão além do controle remoto: uma análise da participação do público no telejornalismo**. Dissertação de mestrado em Comunicação Social – FAMECOS, PUCRS. 2013. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4549#preview-link0>

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. Editora Ática. 2005.

BARROS, Samuel Anderson Rocha; RIBEIRO, Marília Duarte de Ávila; ROSSETTO, Graça Penha Nascimento; SAMPAIO, Rafael Cardoso. **Telejornalismo, Agenda-Setting e Twitter: possibilidade metodológica para o teste de efeitos comportamentais**. Conference: Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266737858_Telejornalismo_Agenda-Setting_e_Twitter_posibilidade_metodologica_para_o_teste_de_efeitos_comportamentais

BECKER, Beatriz. **Jornal Nacional: Estratégias e desafios no seu cinquentenário**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/54>

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção**. ALCEU–v. 20–n.40. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1428>

BERNARDO, André. **Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil**. BBC News Brasil, 6 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>

BONNER, William. **Jornal Nacional - Modo de Fazer**. Editora Globo. 2009.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade: relatório: mortos e desaparecidos políticos. Brasília: CNV, 2014. v. III. Disponível em: http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_digital.pdf

CARAPETO, Carlos; FONSECA, Fátima. **Ética e Deontologia - Manual de Formação**. Ordem dos Engenheiro Técnicos. 2012. Disponível em: https://www.oet.pt/downloads/informacao/Etica_Deontologia-Manual_Formacao.pdf

CASTRO, Lana Weruska Silva. **O atirador de Realengo – tudo sobre o massacre escolar ocorrido em 2011**. Canal Ciências Criminais, 11 de agosto de 2022. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.com.br/atirador-de-realengo/>>. Acesso em 20 de agosto de 2023.

CENCI, Angelo Vitório. **O que é a ética? Elementos em torno de uma ética geral**. Passo Fundo. 2001.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 2023.

COSTA, Leonard Christy Souza; SILVEIRA, Éderson Luís da. “Efeito Bolsonaro: anatomia do autoritarismo”. In: Os efeitos do autoritarismo: práticas, silenciamentos e resistência (im)possíveis. SILVEIRA, Éderson Luiz da. São Paulo: Pimenta Cultural. 2018. p. 13 – 35. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328951268_Os_efeitos_do_autoritarismo_p_raticas_silenciamentos_e_resistencias_impossiveis

DAMIN, Marzie Rita Alves. **Jornal Nacional: a Realidade do Mito – Fait Divers e Complexidade**. PUCRS. 2001.

DI FRANCO, Carlos Alberto. **Jornalismo, ética e qualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.

FECHINE, Yvana; LIMA, Luisa Abreu. **A linguagem da reportagem**. Recife : Ed. UFPE, 2021. Série Livro-Texto. 2021. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/704/713/2248?inline=1>

FINGER, Cristiane; MUSSE, Christina; CANATTA, Fábio. “Uma nova narrativa para as reportagens de televisão frente ao jornalismo em outras telas”. In: **Telejornalismo em mutação: Rupturas e permanências**. COUTINHO, Iluska; MELLO, Adna; PEREIRA, Ariane. Florianópolis, SC : Editora Insular. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-16/>

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/17-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/

GOMES, Itania Maria Mota. "Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo". In: **Análise de telejornalismo: desafios teórico-**

metodológicos. GOMES, Itania Maria Mota. Salvador: EDUFBA. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/14482>

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte de investigação.** São Paulo: Arte & Ciência. 2004

GZH. **Autor do atentado à creche de Blumenau é indiciado por quatro homicídios qualificados e cinco tentativas.** GZH, 14 de abril de 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2023/04/autor-do-atentado-a-creche-de-blumenau-e-indiciado-por-quatro-homicidios-qualificados-e-cinco-tentativas-clgl4decn002h015m38e54546.html>

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas.** Revista Comunicação Midiática, v.7, n.2, p.117-137, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>

IJUIM, Jorge Kanehide. JORNALISMO, HUMANIZAÇÃO E O RACISMO ESTRUTURAL. Ijuim Shinbun. WordPress. <https://ijuimshinbun.wordpress.com/2020/06/17/jornalismo-humanizacao-e-o-racismo-estrutural/>. Publicado em 17 de junho de 2020.

JESUS, Rosilene Soares de. **Espetacularização da violência on telejornalismo: uma expressão da questão social brasileira.** Universidade Federal de Viçosa. 2020. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/29070/1/texto%20completo.pdf>

JUNIOR, Luiz Costa Pereira; COSTA, Luiz. **Guia para a edição jornalística.** Vozes, 2006.

KAMEL, Ali. "O JN e o jornalismo profissional". In: **Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo.** Organização Memória Globo. Rio de Janeiro: Globo Livros. 2019. p. 21-34.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 12 nov. 2023.

KRUG, Etienne G. *et al.* **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva, Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude/>

MARINHO, João Roberto. In: **Código de Ética e Conduta**. Grupo Globo. 2021. Disponível em: <https://grupoglobo.globo.com/arquivos/code-of-ethics-and-conduct-pt-BR.pdf>

MATTOS, Sérgio. "A evolução histórica da televisão brasileira". In: **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. COUTINHO, Iluska, PORCELLO, Flávio; VIZEU, Afredo. Florianópolis: Insular. 2010. p. 23-56.

MELLO, Jaciara Novaes . **Telejornalismo no Brasil**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação , v. 1, p. 1-11, 2009. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>

MELO, Tatiana; SILVA, Telmo. "A Reportagem em contexto de Jornalismo de Proximidade". In: **Estudos em Comunicação nº 22**. Universidade de Aveiro. 2016. Disponível em: <https://www.ec.ubi.pt/ec/22/pdf/ec-22-05.pdf>

MINAYO, M. C. S., SOUZA, E. R., Teles, M. N., CONSTANTINO, P., e CAPURCHANDE, R. D. et al (Orgs) *Impactos da Violência: Moçambique e Brasil* (pp. 39-82). Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 2011.

MISSE, Michel. **Violência e teoria social**. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 9, n. 1, jan.-abr, p. 45-63. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016.

ODALIA, Nilo. **O Que é Violência?** 6.th ed. 1991. Print. Primeiros Passos 85.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2. ed., rev. e atualizada. Elsevier, 2006.

PAVIANI, Jayme. "Conceitos e formas de violência". In: MODENA, Maura Regina. **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 8-20.

PIRES, Cecília. **A Violência No Brasil**. 14ª Edição ed. 1985. Print. Coleção Polêmica.

RIFIOTIS, Theophilos. "Entre teoria, estética e moral: repensando os lugares da Antropologia na agenda social da produção de justiça". In: LANGDON, Esther; GRISOTTI, Márcia. **Políticas públicas: reflexões antropológicas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016. p. 43-62. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196824>

REIS, Flávia Helena Cabral Silva *et al.* **A educação ambiental no contexto escolar brasileiro**. Revista brasileira de educação ambiental. Revbea, São Paulo, V. 16, No6:69-82, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/11706>

REIS, João José. "Presença negra: conflitos e encontros". In: **Brasil: 500 anos de povoamento**. IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 79-89. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>

ROCHA, Liana Vidigal; SILVA, Edna de Mello. "Telejornalismo e Ciberespaço: convergência". In: **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. COUTINHO, Iluska, PORCELLO, Flávio; VIZEU, Afredo. Florianópolis: Insular. 2010. p. 83-100.

ROSE, Diana. "Análise de imagens em movimento". In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. BAUER, Martin W., GASKEL, George. Vozes, 2002. Disponível em:

[https://ia800207.us.archive.org/28/items/BAUERM.W.GASKELLG.PesquisaQualitativaComTextolImagemESom/BAUER%2C%20M.W.%3B%20GASKELL%2C%20G.%20Pesquisa Qualitativa Com Texto Imagem e Som.pdf](https://ia800207.us.archive.org/28/items/BAUERM.W.GASKELLG.PesquisaQualitativaComTextolImagemESom/BAUER%2C%20M.W.%3B%20GASKELL%2C%20G.%20Pesquisa%20Qualitativa%20Com%20Texto%20Imagem%20e%20Som.pdf)

ROSSY, Elizena. **Contra-agendamento: o Terceiro Setor pautando a mídia**. Dissertação de Mestrado Mídia e Terceiro Setor: como as ONG's promovem a Cultura de Paz. 2006.

SÁ, Alvino Augusto de. "Algumas questões polêmicas relativas à psicologia da violência". In: **Psicologia: Teoria e Prática**. 1999.

SAAD DINIZ, E. **Ataques em escolas –uma questão criminológica**. Ciências Criminais, 14 abr. 2023. Disponível em: <https://sites.usp.br/cienciascriminais/ataques-em-escolas-uma-questao-criminologica/>.

SANTOS, Josué Pereira da Silva; SANTOS, Andrea Pereira dos. **Desafios à memória democrática: análise do discurso do governo Bolsonaro em relação à Ditadura Militar no Brasil**. In: Contribuciones a Las Ciencias Sociales. São José dos Pinhais, v.16, n.10, p. 20117-20137, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2464>

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de; VIZEU, Alfredo. "O telejornalismo: o lugar de referência e a revolução das fontes". In: **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. COUTINHO, Iluska, PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo. Florianópolis: Insular. 2010. p. 83-100.

SCORTECCI, Catarina. **Ataque a creche em Blumenau (SC) completa 1 semana; veja o que se sabe**. Folha de S. Paulo, 12 de abril de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/ataque-a-creche-em-blumenau-sc-completa-1-semana-veja-o-que-se-sabe.shtml>

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Sulina/Edipucrs. 2006.

TEIXEIRA, Luciano. **A identidade das vítimas na representação da violência no telejornalismo: a cobertura do JN e do Profissão Repórter no território dos morros cariocas**. Dissertação - Faculdade de Comunicação Social da UFJF. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/935>

VEIGA, Maria Zaclis. **Telejornalismo: mobilização ou constrangimento? : a construção da imagem na notícia de violência social**. Dissertação - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. 2000. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/293014>

VINHA, Telma *et al.* **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos**. D3e. 2023. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 77–83. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321>

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. Ática. 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/18978085/WOLTON_Dominique_Elogio_do_Grande_Publico



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br